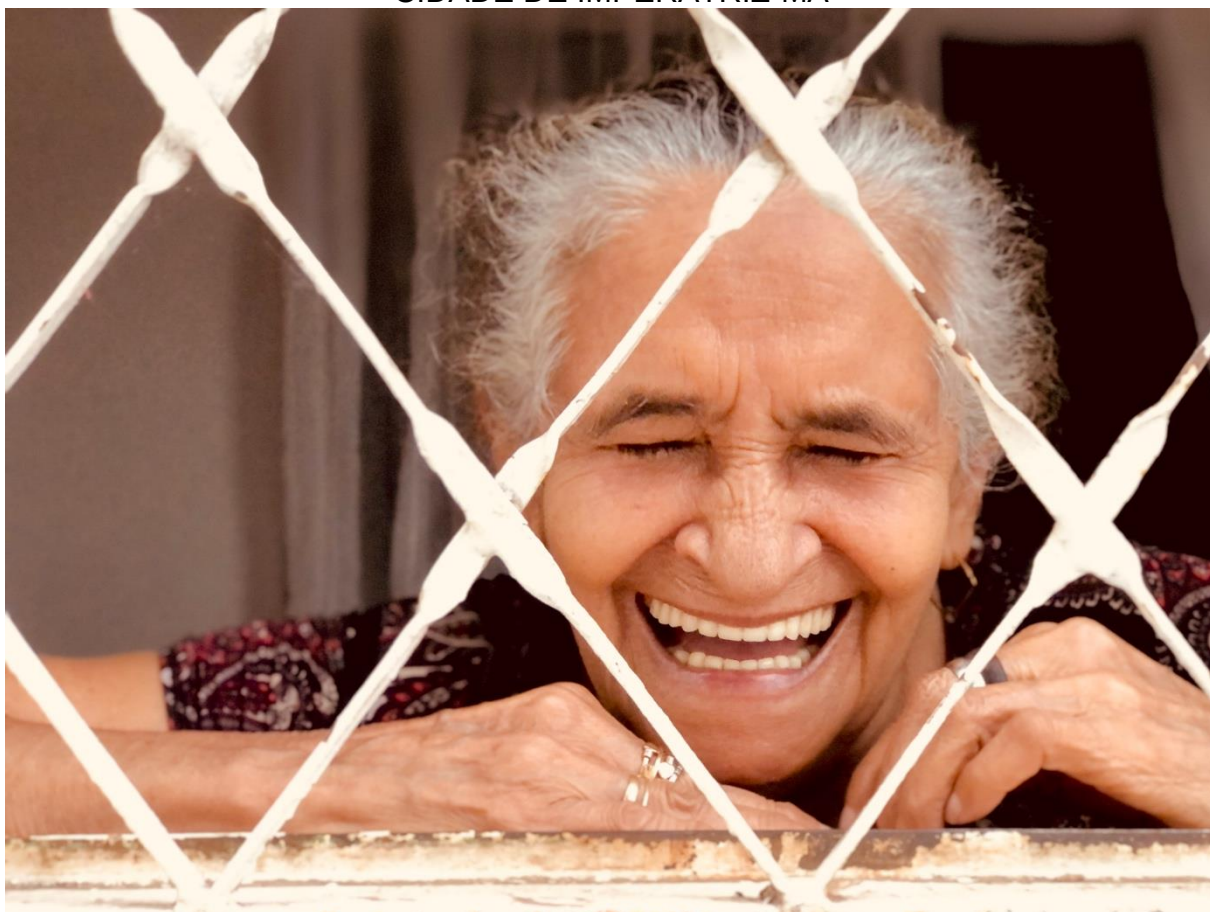




UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA- MESTRADO

MARGARIDA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**“TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA”:
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA
CIDADE DE IMPERATRIZ-MA**



IMPERATRIZ

2024

MARGARIDA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

“TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA”:
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA
CIDADE DE IMPERATRIZ-MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia. Linha de pesquisa: Linha 01- Questões urbanas e rurais: etnia, cultura, identidade, alteridades e territorialidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanda Maria Leite Pantoja.

IMPERATRIZ

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Conceição Oliveira, Margarida. Tive a oportunidade de viver porque
cortei a sina: trajetórias e memórias de moradores do Bairro Mercadinho na
cidade de Imperatriz-MA / Margarida da Conceição Oliveira. - 2024.
99 p.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Memória. 2. Morador. 3. Bairro. 4. Cidade. 5.
Imperatriz-MA I. Leite Pantoja, Vanda Maria. II. Título.

MARGARIDA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

“TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA”: TRAJETÓRIAS E
MEMÓRIAS DE MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPE-
RATRIZ-MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em: 19 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Vanda Maria Leite Pantoja (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGS

Prof^o Dr^o Maciel Cover (Membro Interno)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGS

Prof^a Dr^a Idelma Santiago da Silva (Membro Externo)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFFESPA

À Maria Lúbia e Manoel

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, estudando sob as telhas Brasilit de uma escola pública do interior do Maranhão me alimentou sonhos que pareciam muito distantes e que hoje, sob muitas caminhadas e descobertas, concluo este mestrado na minha cidade amazônica, Imperatriz.

Caminhada que não foi sonhada somente por mim, mas também por aqueles que estiveram ao meu lado nos diversos períodos dessa jornada, a quem agradeço inicialmente: minha mãe Maria Valda, compartilhou sua alegria e comungou de tristezas comigo. Formou filhos no bom ensinamento para que sejam pessoas íntegras e preocupadas com o próximo em tempos que o desafio de ser mãe solo era mais estigmatizado e consequentemente, assustador. Amo você do tamanho do universo Star Wars.

Juntamente à minha mãe, agradeço profundamente aos meus irmãos: Danyelle Walkíria, Júlio Firmino e Marcus Vinícius, pessoas que cultivo um profundo amor e com quem divido todas as lembranças e as dificuldades ao longo da minha vida.

Agradeço também a existência de três incríveis criaturas: Bárbara Jullyana, João Vicente e Maria Clara, meus sobrinhos. Eles me fazem uma pessoa melhor, mais amorosa e cuidadosa. A autenticidade de suas personalidades me dá orgulho e me faz crê, cada dia mais, que pessoas como eles farão um mundo bem melhor.

Ao Andrey Vicente e Gleize Costa, meus cunhados, me auxiliam todos dias desde do início de nossas convivências, me ensinando que família também são aqueles que escolhemos em nosso coração. Aos meus tios Antônio, Djalma e Francisco pelo incentivo nos estudos, no trabalho e na vida com seus conselhos e cuidados comigo e com os meus irmãos.

Aos meus tios Manoel (in memorian) e Maria Lúbia (in memorian), que comungaram comigo por muitos anos o amor por esta pesquisa, especificamente por me auxiliar com lembranças, histórias e “geograficidades” do Bairro Mercadinho partindo de suas memórias e narrações sobre a chegada da nossa família aqui. Para eles, dedico todas as linhas dessa dissertação.

Aos meus amigos: Aritânia Adna, Elvis Coelho, Erisnete Lima, Greacy Azevedo, Jerferson Lopes, Magda Castro, Michelly Carvalho, Natal Marques, Paulo Menis, Poliana Del Toso, Renê Rocha, Silmara Viana, Tiago Rodrigues, Wellison Rafael e

Yasmin Reis, por conviver comigo e entender a amiga que vocês têm e acima de tudo: me amar desse modo, assim como eu amo vocês.

Durante o mestrado, encontrei grandes amigos: André Jacomin, Filipe Von Nordeck, Henry Guilherme, Luciana Silva e Patrícia Trindade. Agradeço por segurarmos as angústias uns dos outros. Também pela às fruições de nossas pesquisas, os debates sobre nossos temas de atenção, os caminhos, as lágrimas entre as conversas corridas e nossas viagens que acarretam em tantas lembranças bonitas dessa jornada.

Meu agradecimento aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz, em especial ao Prof. Dr. Marcelo Domingos Sampaio Carneiro e Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras por serem inspiração no ofício sociológico, meu respeito fraterno.

À minha orientadora, Prof. Dr. a Vanda Pantoja, pois sob minha mão pousa a mão dela e sob a condução deste trabalho se deve ao debruço incessante da mesma.

Por fim, agradeço sobretudo aos moradores do Bairro Mercadinho na cidade de Imperatriz-MA, por compartilhar suas memórias, trajetórias e vivências pessoais. O caminho desta pesquisa só foi possível porque estas nobres pessoas revestidas nas páginas desse escrito se propuseram a andar comigo na indagação sobre as transformações de suas vidas neste espaço.

``As coisas que a memória da gente regurgita``
Versos Satânicos de Salman Rushdie, 1989, p.4

RESUMO

A proposta central desta dissertação de mestrado é pensar as tessituras sociais que empreendem na cidade a partir do da memória coletiva dos moradores do Bairro Mercadinho, é de relevante pertinência a pesquisa científica de tema regional pois revela como o surgimento de um bairro pode influir na dinâmica de uma cidade, bem como afetar indivíduos que almejam melhoria de vida a partir do momento que chegam nesta cidade. Início com autores regionais para a compreensão do surgimento e desenvolvimento do Bairro Mercadinho na cidade de Imperatriz-MA, como Franklin (2005), Sanches (2002), Da Conceição (2016) e Rodrigues (2012), que se debruçaram sobre temas que interseccionam com a história do bairro. Posteriormente, realizo uma análise dos estudos da memória, partindo de algumas obras que trabalham o conceito: Lembrança e Memória, de Bosi (1987), a Invenção do Cotidiano, de Certeau (1980); Memória Coletiva de Halbwachs (1990), Memória e Esquecimento, de Pollak (1989), para observar as metodologias empregadas ao campo de pesquisa e inserção dos interlocutores. A minha pesquisa de campo se concentra em metodologias como as conversas informais, análise de narrativas e das memórias, registros audiovisuais como elo entre mim e os interlocutores para o próximo encontro. Os lugares ocupados pelos moradores no bairro Mercadinho têm aspectos semelhantes sobre seu lugar de origem, criando assim um ambiente que rememore esse espaço. Também é ponto de atenção dessa pesquisa os motivos pelos quais levaram a se deslocar até a cidade de Imperatriz e se fixar no bairro, na busca de um novo espaço para sobreviver, fugindo da fome, da violência agrária e a falta de perspectiva. A maioria destas pessoas hoje está na faixa etária entre 60 a 80 anos, por isso estou trabalhando com interlocutoras/es idosas/os, ou seja, atravessadas por memórias ora traumáticas, ora aiosas sobre os seus processos de deslocamento até o bairro. Nesse ínterim, a pesquisa desvelou que os moradores do bairro Mercadinho tecem relações muito profundas com o espaço do bairro e também com a vizinhança, concomitantemente. Recordam-se constantemente dos seus lugares de origem, segundo a vivência desses interlocutores que trazem familiaridades e os fazem permanecer até hoje. À exemplo disso, os mesmos destacam que características como plantar no fundo dos quintais e as relações de vizinhanças que geram um ambiente comunitário, assim fazendo com que essas memórias de suas chegadas, deslocamentos, estabelecimentos e permanências estejam latentes em suas histórias e lembranças e permanências estejam latentes em suas histórias e lembranças.

PALAVRAS-CHAVE: Bairro, Cidade, Imperatriz, Maranhão Memória, Morador.

ABSTRACT

The central proposal of this master's thesis is to think about the social weaves that take place in the city from the collective memory of the residents of the Mercadinho neighborhood, and is of relevance to scientific research on regional theme because it reveals how the emergence of a neighborhood can influence the dynamics of a city, as well as affect individuals who desire improvement of life from the moment they arrive in this city. Beginning with regional authors to understand the emergence and development of the Mercadinho neighborhood in the city of Imperatriz-MA, such as Franklin (2005), Sanches (2002), Da Conceição (2016) and Rodrigues (2012), who focused on themes that intersect with the history of the neighborhood. Later, I carry out an analysis of the studies of memory, starting from some works that work on the concept: Remembrance and Memory, by Bosi (1987), the Invention of the Daily Routine, by Certeau (1980); Collective Memory of Halbwachs (1990), Memory and Forgetfulness, by Pollak (1989), to observe the methodologies used in the field of research and insertion of interlocutors. My field research focuses on methodologies such as informal conversations, analysis of narratives and memories, audiovisual records as a link between me and the interlocutors for the next meeting. The places occupied by residents in the neighborhood of Mercadinho have similar aspects about their place of origin, thus creating an environment that recalls this space. It is also point of attention of this research the reasons why they led to move to the city of Imperatriz and settle in the neighborhood, in search of a new space to survive, fleeing from hunger, agrarian violence and lack of perspective. Most of these people today are in the age range between 60 and 80 years, so I am working with interlocutoras/es elderly/ them, that is, crossed by memories sometimes traumatic, sometimes airosas about their displacement processes to the neighborhood. In the meantime, the research revealed that residents of the neighborhood Mercadinho weave very deep relationships with the space of the neighborhood and also with the neighborhood, concomitantly. They constantly remember their places of origin, according to the experience of these interlocutors who bring familiarities and make them remain until today. For example, they highlight that characteristics such as planting in the background of the backyards and the relationships of neighborhoods that generate a community environment, thus making these memories of their arrivals, Movements, establishments and stays are latent in their stories and memories.

KEYWORDS: Neighborhood, City, Imperatriz, Maranhão Memory, Resident.

RESUMEN

La propuesta central de esta tesis de maestría es pensar las texturas sociales que emprenden en la ciudad a partir del recuerdo colectivo de los residentes del barrio Mercadinho, es de relevancia la investigación científica de tema regional pues revela cómo el surgimiento de un barrio puede influir en la dinámica de una ciudad, así como afectar a individuos que anhelan mejorar su vida desde el momento en que llegan a esta ciudad. Inicio con autores regionales para la comprensión de la aparición y desarrollo del barrio Mercadinho en la ciudad de Imperatriz-MA, como Franklin (2005), Sanches (2002), Da Conceição (2016) e Rodrigues (2012), que se ocuparon de temas que se entrecruzan con la historia del barrio. Posteriormente, realizo un análisis de los estudios de la memoria, partiendo de algunas obras que trabajan el concepto: Recuerdo y Memoria, de Bosi (1987), la Invención del Cotidiano, de Certeau (1980); Memoria Colectiva de Halbwachs (1990), Memoria y Olvido, de Pollak (1989), para observar las metodologías empleadas en el campo de investigación y la inserción de los interlocutores. Mi investigación de campo se centra en metodologías como las conversaciones informales, análisis de narrativas y memorias, registros audiovisuales como vínculo entre yo y los interlocutores para el próximo encuentro. Los lugares ocupados por los residentes en el barrio de Mercadinho tienen aspectos similares sobre su lugar de origen, creando así un ambiente que recuerda ese espacio. También es punto de atención de esta investigación los motivos por los cuales llevaron a desplazarse hasta la ciudad de Imperatriz y asentarse en el barrio, en busca de un nuevo espacio para sobrevivir, huyendo del hambre, de la violencia agraria y la falta de perspectiva. La mayoría de estas personas hoy en día se encuentran en el rango de edad entre 60 y 80 años, por lo que estoy trabajando con interlocutores/es ancianos/os, es decir, atravesados por recuerdos a veces traumáticos, a veces aiosos sobre sus procesos de desplazamiento hasta el barrio. En el ínterin, la investigación reveló que los residentes del barrio de Mercadinho tejen relaciones muy profundas con el espacio del barrio y también con el vecindario, concomitantemente. Se recuerdan constantemente de sus lugares de origen, según la vivencia de estos interlocutores que traen familiaridades y los hacen permanecer hasta hoy. Por ejemplo, los mismos destacan que características como plantar en el fondo de los patios y las relaciones de vecindad que generan un ambiente comunitario, así haciendo que estos recuerdos de sus llegadas, Los desplazamientos, establecimientos y estancias están latentes en sus historias y recuerdos.

PALABRAS-CLAVE: Barrio, Ciudad, Imperatriz, Memoria, Maranhão, Residente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Seu Zé Dourado em frente de sua banca no Mercado de Carne Vicente Fitz	p. 19
Figura 02: Fotografia Aérea da cidade de Imperatriz-MA com destaque para o Bairro Mercadinho	p. 23
Figura 03: Fotografia de Raimundo Moraes Barros no Hall da Câmara Municipal de Imperatriz-MA	p. 25
Figura 04: Fotografia de Assis Chateaubriand sorrindo	p.25
Figura 05: Fotografia de João Meneses de Santana no Livro Enciclopédia de Imperatriz de Edmilson Sanches	p. 26
Figura 06: Fotografia Aérea do Bairro Mercadinho	p. 27
Figura 07: Fotografia da fachada do Mercado Vicente Fitz	p.28
Figura 08: Dona Graça Pedrosa sorrindo na janela de sua casa no Bairro Mercadinho	p. 33
Figura 09: Dona Ivone em sua bodega no Bairro Mercadinho	p. 40
Figura 10: Seu Jacó e Dona Bela na sala de sua casa no Bairro Mercadinho	p. 43
Figura 11: Seu Neguim e Dona Graça na calçada de sua casa no Bairro Mercadinho	p. 45
Figura 12: Dona Germana em seu quintal de sua casa no Bairro Mercadinho	p. 49
Figura 12: Tia Juvenir segura a fotografia do Tio Zé, no quintal de sua casa no Bairro Mercadinho	p. 52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 14
“Dando Azeite aos Canários”: encorpando metodologias para imersão do trabalho de campo	p. 19
1 UM BAIRRO SERPENTEADO PELA RODOVIA BELÉM – BRASÍLIA NA CIDADE DE IMPERATRIZ DO MARANHÃO	p. 23
1.1 Moradores do Bairro Mercadinho	p. 32
2 MEMÓRIA COLETIVA COMO ACESSO AOS MORADORES DO BAIRRO	p. 35
3 O DESLOCAMENTO SOB O RECORTE DA LEMBRANÇA: LONGA LÉGUA ATÉ A CIDADE.....	p. 40
3.1 Dona Germana e o intercâmbio de cuidados: maneiras de permanências para sobreviver ao bairro.....	p. 52
3.2 Dona Bela e Seu Jacó no cuidar sobre atos: um destempero intestinal.....	p. 57
3.3 A amizade de Graça e Melissa: filhos, dificuldades e sabão.....	p. 60
3.4 A morte do Zé do Café e o abalo familiar aos olhos de Juvenir.....	p. 62
3.5 “Tive oportunidade de viver porque cortei a sina!”	p. 65
4 NOTAS PARA O FUTURO DA PESQUISA: ALGUMAS CONCLUSÕES.....	p.69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 72
ANEXOS	p. 75
APÊNDICES	p. 78

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a memória perpassam as fronteiras da Ciências Humanas, aliando-se com o cotidiano vivenciado pelos indivíduos pesquisados, tanto com os espaços de convívio, bem como das relações construídas em si. Benjamin (1994, p. 207), diz que o pesquisador se torna ouvinte quando se propõe a escutar as narrativas que tecem a vida dessas pessoas, na estranheza causada entre o campo e o pesquisador nasce as indagações pertinentes para o processo de escrita do campo.

Ainda na graduação de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão¹, na minha cidade, Imperatriz, surgiu o questionamento de qual tema aprofundar no trabalho monográfico, levando em consideração a proximidade do término do curso. À época, as pesquisas geográficas realizadas na universidade se direcionavam em dois caminhos: estudos da Geografia Urbana ou Geografia Física.

Nisto, escolhi a Geografia Urbana para ser o cerne teórico e metodológico da minha monografia, sob a orientação do Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira², com o seguinte título: “O perfil dos trabalhadores do Mercado de Carne Vicente Fitz na cidade de Imperatriz-MA”.

Aqui, tive a oportunidade de aliar a pesquisa com o meu cotidiano no Bairro Mercadinho, onde eu nasci e moro desde então. Foi também nesse período que tive contato com as primeiras obras relacionadas à memória na pesquisa geográfica. O artigo “Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil”, de Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Gratão (2010), me introduziu inconscientemente naquilo que eu pesquisaria anos mais tarde: a memória coletiva dos moradores mais antigos do Bairro Mercadinho.

A decisão de estudar uma parte importante do Bairro Mercadinho, como o Mercado de Carne Vicente Fitz em 2016, me fez observar como os estudos urbanos

¹ Em 2016, o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz da UEMA torna-se, por força da Lei 10.525/2016, sancionada pelo então governador Flávio Dino, a Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Cursei Geografia entre os anos de 2011 a 2016, antes da implementação da nova universidade.

² É Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. É líder do Grupo de Pesquisas Socioeconômicas do Maranhão - GPS. É docente permanente do Mestrado em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Bolsista Produtividade Sênior UEMASUL. Atualmente ocupa o cargo de Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPGI/UEMASUL para o quadriênio 2022-2025.

em áreas da cidade eram inviabilizados - invisíveis tanto para a Academia como para a comunidade em geral. Isso instigou colegas de graduação a levantarem questionamentos sobre a importância do tema. Avaliaram, então, se faria algum sentido científico estudar os trabalhadores da área mais “pulha” (na concepção destes colegas) do bairro.

Contudo, eu tinha motivos para prosseguir com o trabalho de campo. Em primeiro lugar, era um espaço que eu conhecia bem em uma pungência que poderia ser utilizada para a escrita científica e compreensão de conhecimentos e categorias nativas que se faziam primordiais para delinear a história desses trabalhadores. Segundamente, o Mercadinho é um espaço de encontros, conflitos, aproximações e personalidade traçadas no caminho do desenvolvimento da cidade de Imperatriz; então trata-se também de compreender a história da cidade a partir do surgimento e desenvolvimento do próprio bairro.

O terceiro motivo é que todos os trabalhos anteriores escritos sobre o bairro Mercadinho não observaram o ponto de vista do morador ou trabalhador sobre como foi chegar até ali e desenvolver relações, afetos e novas tessituras dentro de um espaço novo na cidade. Em geral, objetivam proporcionar uma visão mais abrangente do desenvolvimento do bairro como Rodrigues (2010)³ e Wallyson (2012)⁴. Nesse ínterim, busquei em minha pesquisa monográfica, escutar os trabalhadores do Mercado de Carne Vicente Fitz desenvolver perfis e aproximações entre eles.

Entretanto, as questões metodológicas para inserção ao campo de pesquisa ocasionaram desencontros entre mim e os interlocutores; a maneira de abordagem e as técnicas utilizadas durante a pesquisa não lograram êxito. O campo com direcionamentos e recursos da metodologia geográfica me ajudaram parcialmente na escrita e, sobretudo, no entendimento do campo e meu conhecimento sobre o bairro. Entretanto, isso não foi suficiente para preencher os enclaves da pesquisa. Algo ficou pelo caminho e eu precisaria recuperar a posteriori.

³ Trabalho intitulado: Mercadinho: Entrepasto Comercial da Região Tocantina, monografia defendida por José Ildetrone Rodrigues no ano de 2010 para o curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão.

⁴ Trabalho intitulado: O que é que o Mercadinho tem? Monografia defendida por André Wallyson no ano de 2012 para curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz, e posteriormente tornou-se um livro com o mesmo título lançado em 2021.

Em 2019, ingressei como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão. Nesse período, eu continuava levantando dados sobre o bairro, conversando com os mais antigos, procurando fotografias e reportagens que me dessem algum direcionamento científico. Naquele ano, a Sociologia, enquanto ciência que observa sob outro prisma, me ajustou para alinhar meus escritos, diários de campo e pensamentos sobre como proceder com a pesquisa e, principalmente, como aliá-la à Geografia.

Em 2022, realizei o seletivo do programa e ingressei na Universidade Federal do Maranhão como aluna regular do Mestrado em Sociologia, me colocando em uma perspectiva majoritariamente sociológica. A priori, eu continuaria na seara dos estudos urbanos; contudo, houve uma realocação teórico-metodológica para os estudos da memória no fim daquele ano.

Com isso, continuei comprometida com a pesquisa sobre o Bairro Mercadinho sob o esboço da memória, na justificativa de acreditar firmemente na proeminência positiva do trabalho, como estudo relevante e de importância regional na compreensão da formação de bairros em cidades médias na Amazônia Legal como Imperatriz do Maranhão.

A memória coletiva pode ser uma parte importante da identidade de um bairro e pode ajudar a moldar o ambiente físico e social do mesmo. Os detalhes específicos, por sua vez, dependerão das histórias e experiências locais em questão. Diante desse contexto, o problema central desta pesquisa está na seguinte indagação: como os moradores mais antigos do Bairro Mercadinho recontam suas trajetórias e memórias?

Segundo Ecléa Bosi (1987, p.380), a memória não é um mero repositório de fatos, mas sim um processo dinâmico e complexo. Ela vê a memória como um fenômeno que envolve uma interação entre o individual e o coletivo, o pessoal e o social, e destaca a importância das narrativas e das práticas culturais na construção da memória. No escopo desse pensamento, que pavimenta a escrita da dissertação e seu objetivo geral, busca-se observar como as memórias dos moradores mais antigos reconstroem suas próprias histórias no Bairro Mercadinho.

Para Certeau (1980, p.163), a memória está ligada à experiência espacial e ao uso cotidiano do espaço, a forma como os indivíduos ocupam e interagem para a construção da memória, refletindo práticas e narrativas pessoais. Paralelamente, Halbwachs (1990, p.137) pensa a memória serve a funções sociais, como a construção

e manutenção da identidade coletiva. Em outras palavras, ela ajuda os grupos a criar um senso de continuidade e coesão, refletindo e reforçando valores e normas sociais.

Pollak (1989, p. 4), por sua vez, explora como os processos de lembrança e esquecimento são manipulados e negociados dentro das sociedades pós-traumáticas. Ele investiga como as sociedades lidam com o trauma e como as memórias coletivas são construídas e reinterpretadas ao longo do tempo. Trauma e função social da memória estão entrelaçados, já que as narrativas percorridas pelos moradores do bairro são preenchidas por aquilo que denomino de memória revirada pela dor.

O primeiro objetivo específico é reunir as memórias dos moradores mais antigos, traçando uma linha temporal desde dos seus deslocamentos de origem até a chegada no bairro por meio da memória coletiva dos moradores do Bairro Mercadinho, com essa primeira parte delimitada, investigo quais foram os primeiros vínculos realizados por eles no bairro Mercadinho. Por fim, identifico os fatores que os levaram se deslocar e permanecer no bairro Mercadinho.

Essa dissertação se divide em três capítulos. O primeiro trata da historicidade do surgimento do Bairro Mercadinho a partir da construção da rodovia Belém-Brasília e do desenvolvimento urbano e espacial da cidade de Imperatriz. Acompanhando os desdobramentos espaciais, políticos e sociais que acontecem na cidade e que influenciam nas dinâmicas do bairro, sendo reflexo dos próprios acontecimentos tecidos na cidade.

Neste capítulo, utilizo autores de renome regional para ambientar a cidade de Imperatriz-MA no fim dos anos 1950 e início dos anos 1960, período onde a rodovia é construída e, como consequência, o bairro surge. Adalberto Franklin (2005), Edmilson Sanches (2002) e José Ildetrone Rodrigues (2010) são autores mobilizados extensamente para localizar o bairro Mercadinho na cidade de Imperatriz. Utilizo também algumas informações do meu trabalho monográfico realizado em 2016 para pavimentar o contexto exposto.

O segundo capítulo prossegue com os usos metodológicos e teóricos a partir da memória, discuto autores da memória - como Eclea Bosi (1987), Maurice Halbwachs (1990), Michel de Certeau (1980) e Peter Pollak (1989) – escrutinando importantes teorias para o campo.

No terceiro capítulo, finalmente, abordo a pesquisa em si, com as perspectivas traçadas nos três objetivos específicos, iniciando com as primeiras narrativas dos in-

terlocutores da pesquisa, sobre os seus deslocamentos até chegar ao Bairro Mercadinho. Depois, parto para as memórias das relações de vizinhança e finalizo com as lembranças que cercam suas permanências no Bairro Mercadinho.

A metodologia que utilizo é a conversa informal, iniciada sobre trivialidades do cotidiano e deságuam nas narrativas pertinentes sobre as suas trajetórias com o bairro no dorso do diálogo. Até os primeiros dias de janeiro de 2023, eu não tinha permissão de gravar as conversas com os moradores, pois, segundo eles, tinham receio ou vergonha do que falavam. Nisto, eu anotava tudo que podia em meu diário de campo. Depois de muito diálogo e idas em suas casas, consegui a permissão dos mesmos para gravar.

Em maio de 2023, faço uma pausa na escrita da dissertação, aviso aos meus interlocutores que precisaria parar por um tempo. O motivo foi o falecimento do meu tio Manoel e a personalidade do momento vivido me forçou tal interrupção. Retorno em junho de 2023 e a partir daí, além das gravações e anotações em diário de campo, inseri na minha metodologia os registros fotográficos: paisagem do bairro, os moradores, estabelecimentos, a feira, o movimento no intuito de ambientar o leitor nesse espaço.

Esse recurso é de extrema relevância para mim, pois a cada ida nas casas dos interlocutores, eu os fotografava e, no próximo encontro, eu retornava com as fotografias reveladas para eles e, nisto, criou-se um vínculo importante de confiança entre mim e eles. Busquei, assim, proporcionar um ambiente seguro para que meus interlocutores pudessem se sentir bem em dividir suas memórias com esta pesquisa. Para além disso, crio um acervo fotográfico sobre os aspectos físicos, as pessoas e a estrutura do bairro.

Por fim, os interlocutores dessa pesquisa são os moradores mais antigos do Bairro Mercadinho, um grupo de nove pessoas que participaram ativamente da pesquisa, do início ao fim, de faixa etária entre 60 e 80 anos, sendo todos de origem camponesa, não só do Estado do Maranhão, como de outros estados nortistas e nordestinos, chegando ao bairro no início dos anos 1960. Foi necessário trabalhar arduamente com o tempo acelerado, pois grafar a memória dos mais idosos te faz deparar com a finitude da vida, a fragilidade do corpo e uma pressa de colocar palavras no mundo no processo de construção da memória coletiva.

“Dando azeite aos canários”: encorpando metodologias para imersão do trabalho de campo

Figura 01: Seu Zé Dourado em frente de sua banca no Mercado de Carne Vicente Fitz.



Fonte: Da Conceição, 2024.

Quando iniciei a pesquisa de campo do meu trabalho de dissertação, em abril de 2022, uma das minhas maiores inquietações era em relação à metodologia que seria utilizada para realizá-la, a aflição me deixava acantoadada e me abatia em muitos momentos. Embora eu more no bairro Mercadinho desde criança e a minha família seja um dos núcleos pioneiros que chegaram ao bairro, abordar meus vizinhos para uma pesquisa era um tanto invasivo, pois impunha remexer com muitas memórias boas, mas também com dores que, muitas vezes, as pessoas não querem lembrar.

Nas primeiras inserções ao campo, procurei por antigos interlocutores da pesquisa realizada em 2016 durante minha graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, na qual tive como objetivo traçar um perfil do trabalhador do Mercado de Carne Vicente Fitz, parte integrante do Bairro Mercadinho. Nessa pesquisa feita com papel e caneta, por meio de perguntas fechadas e estruturadas, obtive resultados nos quais identifiquei vazios e ao final da pesquisa, na tabulação dos dados, percebi que me distanciei terrivelmente dos interlocutores daquela pesquisa.

José Gomes Dourado, um dos entrevistados à época, trabalhador do Mercado desde 1977, foi um dos poucos da pesquisa anterior, que conversou comigo nesse retorno ao campo, falamos sobre o estranhamento com os papéis, o abismo que abria a cada ida ao mercado e como aquilo desandou na escrita da monografia. O mais arrasador de tudo isso é que todos aqueles trabalhadores eram meus “conhecidos” do

bairro, vizinhos, amigos dos meus familiares, havia uma “malha de aço” na minha proximidade com essas pessoas e para uma nova pesquisa era necessário um novo aporte teórico e metodológico.

Seu Zé Dourado, vendedor de peixes no mercado e um dos participantes da minha pesquisa de graduação, disse-me que na ocasião me “faltou prumo pra lidar com esse povo”, aquilo me deixou intrigada e um tanto irritada, pois, que “prumo” era esse que faltava na bendita pesquisa? Ele continuou me dizendo que: “é necessário dar azeite aos canários! Faça diferente dessa vez”, me senti ofendida, no início do mestrado, tentando buscar um caminho científico para tudo isso e me aconselham a dar azeite aos canários.

Não dei confiança e partir da organização da teoria do campo de pesquisa, comecei pelos estudos urbanos em contexto amazônico, perpassando pela formação do bairro a partir da construção da Rodovia Belém-Brasília e a urbanização da cidade de Imperatriz do Maranhão, não conseguia encaixar as coisas: as teorias estavam soltas, a historiografia sem estruturação, era frágil e caótica a minha escrita científica baseada naquele aporte teórico, não me sustentava enquanto pesquisadora e muito menos a minha pesquisa em si.

Na teimosia, insistir com aquilo que plenamente não daria certo, ter domínio sobre determinado assunto não faz ser congruente dentro do seu campo de pesquisa, e ainda por cima continuava tendo problemas na metodologia da pesquisa. A tese de utilizar o estudo urbano caiu por terra quando passei por uma pré qualificação em outubro de 2022, aquilo me desmontou e remontou logo depois. O professor⁵ que leu meu projeto de pesquisa dentre muitas pontuações relevantes que fez, observou que eu poderia enviesar a pesquisa para o campo da memória e da história oral, considerei essa questão, embora a contragosto. Resolvi concentrar o trabalho para memória dos moradores do bairro.

Nisto, lembrei o que o seu Zé Dourado tentou dizer para mim sobre “Dá azeite aos canários”, retornei ao seu local de trabalho em novembro de 2022 e perguntei para ele sobre isso. Ele riu e me disse: “é dito popular, significa dizer que pra tu ter um

⁵Marcos Alexandre Pimentel da Silva é Professor Assistente I da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), tem mestrado em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

canário bonito, tu tem que alimentar ele com azeite. Se tu quer um negócio bem feito, minha fia, pense direito qual é o azeite que você vai dar pro teu canário”. Me encabulei, perguntei para ele o que seria meu canário, ele disse: “Menina, esse negócio aí da faculdade, que tu tá fazendo de novo, te alui minha fia”.

Realmente, houve um despertar depois da explicação do dito popular proferido por seu Zé Dourado para mim, o meu “canário” é o meu campo de pesquisa e para criar uma relação profícua com o mesmo, é preciso se utilizar do melhor “azeite”. A metáfora me fez compreender que o campo de pesquisa me fornece dados robustos quando eu ofereço os melhores mecanismos para acessá-lo. Mas que tipo de “azeite/teoria/metodologia” oferecer ao meu “canário-campo”?

Se o meu campo de pesquisa é a memória dos moradores do Bairro Mercadinho, o meu “canário” está definido e delimitado, era necessário pensar qual seria o aporte teórico e a metodologia empregada nesse campo. Deveria ser algo que não me distanciasse dos interlocutores, algo que fizesse eles confiarem em mim no sentido de desvelar os acontecimentos pertinentes para pesquisa, mas também me fizesse estar numa distância que mantivesse o rigor científico.

As primeiras pessoas com quem conversei nessa nova investidura da pesquisa foram alguns membros da minha família que chegaram aqui no surgimento do bairro ainda crianças no ano de 1968, suas memórias foram a constituição dessa conversa e assim, minha mãe e meu tio foram me revelando períodos interessantes e incisivos para compreender o processo de organização do bairro. Em seguida, procurei dona Germana da Conceição, minha vizinha “de porta” e agora interlocutora dessa pesquisa, elaborei algumas perguntas gerais e mantive um diálogo com ela, deixando-a à vontade para que falasse, fiz algumas fotografias e parti para outros vizinhos.

Após a conversa com dona Germana, fui ao encontro de Ivonete Marinho e fiz algo semelhante, fiz perguntas mais abertas e gerais, conversamos muito sobre o bairro, as memórias que ela guardava e registrei algumas fotografias com o consentimento das mesmas. Retornei algumas semanas depois com as fotografias reveladas, a recepção foi afetuosa e muito feliz, nos levando a conversar sobre este primeiro encontro, me senti também afetada pela receptividade positiva e carinhosa, me ensejando a continuação dessa pesquisa e me dando espaço e oportunidade para marcar uma próxima conversa.

O “azeite metodológico” que utilizei foi a conversa informal com perguntas abertas, mantendo o diálogo dentro do espectro do deslocamento familiar, a instalação do

núcleo familiar no bairro e as primeiras relações sociais tecidas ali. Sempre aliada ao “azeite teórico” da memória, pois as lembranças desses moradores eram sempre evocadas ao respectivo momento de suas chegadas ao bairro e as primeiras impressões que tiveram.

A fotografia foi um elo entre mim e as/os interlocutoras da pesquisa, foi suporte necessário que equilibrou a confiança entre nós, ao fotografá-los, percebi que não capturava somente pessoas do bairro, mas a própria retina da memória do bairro. A foto é a recordação na memória da pesquisa, para eles, o momento fragmentado e petrificado no papel e para mim, a lembrança que o capricho do passado recente poderia me tirar o primor dessa pesquisa.

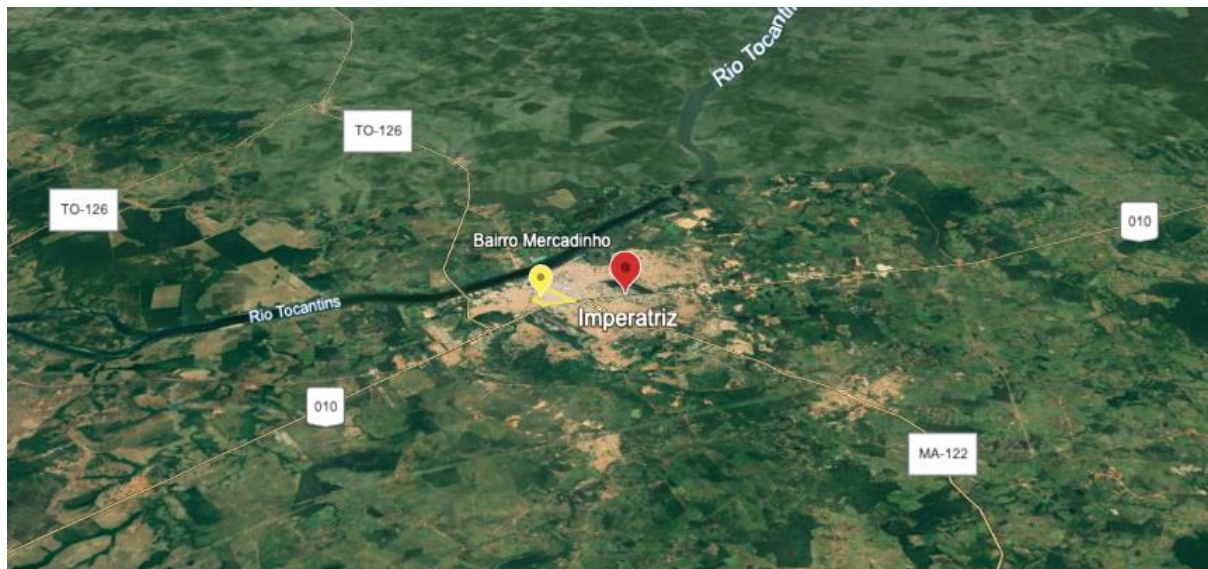
A conversa informal foi um meio de aproximação também, sentar com elas “na porta da rua” e papear sobre o que tinha na esquina tal ou na rua de cima, como foi que os feirantes começaram a vender a partir da própria história. Reconstituindo a memória ao pé da rua onde acontecera há muitos anos, estar nesse mesmo escopo com as mesmas, me deu a oportunidade de escutá-las, referenciando ao espaço do bairro.

Com isso, meu “canário-campo” que seu Zé Dourado havia me dito um mês antes ganhou um novo cerne para eu pavimentar essa pesquisa científica, a memória como aporte teórico e a conversa informal, com algumas perguntas que encabeçam a metodologia me deu espaço para aproximar do meu campo e dos interlocutores, de uma maneira constante, tranquila e sem criar abismo entre mim, o interlocutor e a pesquisa.

“Dando azeite aos canários” foi o dito popular que deslumbrou toda essa pesquisa, o seu Zé Dourado foi o mensageiro que reorganizou as minhas ideias enquanto pesquisadora, sua conversa ao pé de sua banca, em meio aos peixes e o odor do mercado me levou até a compreensão e aporte teórico da memória. Agora, o canário canta uma canção pelo bairro, molhando o bico no azeite da memória.

1 UM BAIRRO SERPENTEADO PELA RODOVIA BELÉM - BRASÍLIA NA CIDADE DE IMPERATRIZ DO MARANHÃO.

Figura 02: Fotografia Aérea da cidade de Imperatriz-MA com destaque para o Bairro Mercadinho.



Fonte: Google Map Maker, 2024.

Na transição da década de 1950 para 1960, o governo federal liderado por Juscelino Kubistchek (1956-1961) projetou uma ideia de progresso para a Amazônia por meio do Plano de Metas⁶. O discurso era levar desenvolvimento econômico e social para os espaços urbanos amazônicos, visando essencialmente mudanças na infraestrutura, rede de energia elétrica e a implementação de uma extensa malha viária. Esse modelo impactou o eixo regional da Amazônia pertencente a região de Imperatriz - MA, bem como forjou um novo modo de vida para população que aqui morava.

Em 1957, Imperatriz do Maranhão era uma cidade com suas atividades voltadas às margens do Rio Tocantins, nas áreas do Cais de Porto e Beira Rio (Sanches, 2002. p.162). As áreas distantes ao rio eram parcamente habitadas por pequenos fazendeiros e moradores que cultivavam a roça para comércio no centro da cidade. São essas mesmas áreas que serão os pontos de urbanização e formação de bairros nas margens da rodovia Belém-Brasília anos depois, incluindo o Bairro Mercadinho.

⁶ Foi a política desenvolvimentista do Governo JK, iniciada no ano de 1958, com projetos a serem executados com recursos públicos e privados. O objetivo era trazer investimentos para setores-chave da economia brasileira, o programa traduz um conjunto dinâmico e progressivo de obras que deveriam ser realizadas entre 1961 a 1965. (PLANO DE METAS DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK, 1958).

A principal rua se chamava XV de novembro, comércio, armazéns, escolas e repartições públicas se encontravam na via e no seu entorno. A cidade também contava com estreitos laços comerciais com o Norte Goiano (atual estado do Tocantins) e Sudeste Paraense. Imperatriz era conhecida como Sibéria Maranhense⁷, alcunha que evidenciava a distância geográfica fisicamente e na forma de pensar as relações entre os lugares em um determinado tempo, tendo a noção de hierarquia como base. A construção da Rodovia Belém-Brasília traz um rápido e descompassado crescimento urbano e populacional para a então pequena Imperatriz.

Para entender melhor como a construção da rodovia influenciou no surgimento do Bairro Mercadinho, preciso delinear o contexto político que ocasionou tal mudança. A cidade era gestada por Raimundo de Moraes Barros⁸, político de carreira que estava em seu primeiro mandato enquanto prefeito, do outro lado, havia Assis Chateaubriand⁹, senador da República pelo Estado do Maranhão e figura de repercussão nacional no cenário político e cultural à época. Sob o burburinho da construção da nova capital federal, Brasília, Chateaubriand e Barros foram convidados para participar da reunião para prefeitos, promovida pelo Congresso Nacional na cidade do Rio de Janeiro (Franklin, 2005, p.69).

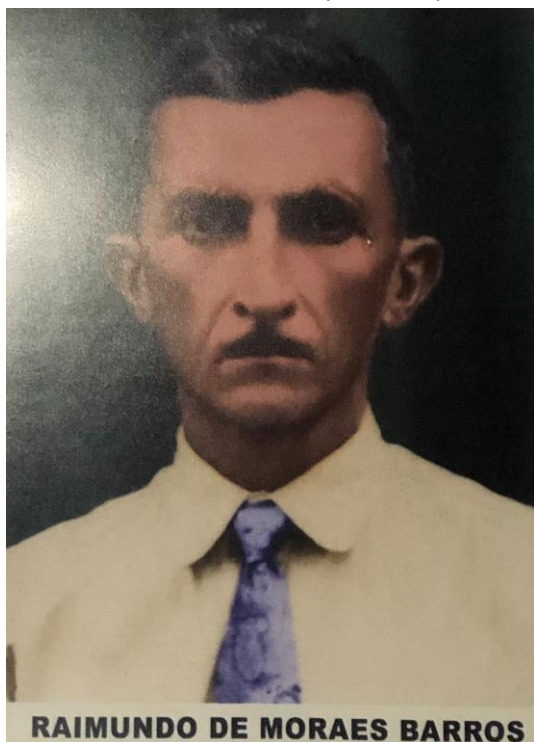
A reunião contou com a presença do presidente Juscelino Kubistchek e o assunto tratado fora as construções da malha viária nacional, dentre elas, a mais grandiosa: a rodovia Belém-Brasília, que sairia da capital do Brasil até a cidade paraense de Belém, atravessando regiões do Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Dentre os trechos incluídos na nova estrada que cortaria a Amazônia, estaria Imperatriz do Maranhão.

⁷ Segundo Franklin (2005, p.70), Imperatriz recebe a alcunha de Sibéria Maranhense pois era isolada geograficamente e socialmente da capital São Luís.

⁸ Segundo Sanches (2002, p. 174), Mundico Barros - como também era conhecido -, tentou a reeleição com o discurso que trouxe desenvolvimento e progresso para cidade de Imperatriz por seu envolvimento com a rodovia Belém-Brasília. O discurso, entretanto, não soou como verdade entre os eleitores da época.

⁹ Assis Chateaubriand foi senador pelo Maranhão no governo JK, mas renunciou ao mandato para assumir a embaixada do Brasil na Inglaterra em 1958. Sua eleição como senador para o estado foi corrupta e fraudulenta. Tinha o apelido de Chatô e o foi um dos fundadores do MASP- Museu de Arte de São Paulo. (AGÊNCIA ASSEMBLEIA DE NOTÍCIAS, Assis Chateaubriand, por detrás do nome, ALEGO, Data da publicação: 11 de novembro de 2020, Data de Acesso: 21 de junho de 2024. URL: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/113537/assis-chateaubriand>).

Figura 03: Fotografia de Raimundo Moraes no Hall da Câmara Municipal de Imperatriz



Fonte- Câmara Municipal de Imperatriz, 2024.

Figura 04: Assis Chateaubriand sorrindo.



Fonte- Blog do Milton Parron, 2024.

Em 1961, as obras do trecho maranhense se iniciam, atraindo novos investimentos e pessoas para os municípios próximos à rodovia, sobretudo em Imperatriz, com aumento populacional, a cidade logo se encontrou como um ponto estratégico na economia do estado maranhense (Franklin, 2005). Nesse ano, também ocorreu um importante pleito municipal: Raimundo Barros tentava a reeleição e o jovem João Meneses de Santana¹⁰ que se candidatava pela primeira vez, do qual saiu vitorioso.

¹⁰Figura elementar para o surgimento do Bairro Mercadinho, João Meneses de Santana teve um dos mandatos mais conturbados da história da cidade. De acordo com Sanches (2002, p.319), foi um perseguido político, tendo seu mandato cassado no ano de 1964 pela Câmara Municipal de Imperatriz a mando da ditadura militar brasileira.

Figura 05: Fotografia de João Meneses de Santana no Livro Enciclopédia de Imperatriz de Edmilson Sanches.



Fonte: Enciclopédia de Imperatriz, 2002

Com a cidade crescendo e se urbanizando rapidamente, eram necessários mecanismos para acompanhar essas mudanças, em 1962, a nova gestão implementou junto ao empresário Vicente Fitz¹¹ um mercado para venda e distribuição de carne bovina. Era chamado de Mercado de Carne e o seu intuito era trazer visibilidade para aquelas áreas próximas à construção da rodovia e conduzir pessoas a ocuparem aquela nova região da cidade (Da Conceição, 2016, p.23).

Através das informações verbais disponibilizadas pelos interlocutores e observações do campo, observou-se que as suas primeiras habitações foram construídas de Pati¹² e cobertas com suas palhas, outros comércios, mercearias, ambulantes e feirinhas vão se estabelecendo nas proximidades do Mercado de Carne e nesse enredo, o

¹¹Vicente Fitz foi um empresário da cidade de Anápolis-GO que migrou para Imperatriz-MA no objetivo de abrir o Mercado de Carne, ele volta para sua cidade natal onde morre em 1986. É uma figura muito lembrada pelos moradores e trabalhadores mais antigos do bairro Mercadinho. Há espaços na cidade de Imperatriz em sua homenagem: o Mercado de Carne passa a se chamar Vicente Fitz no mesmo ano de sua morte, e uma praça próximo ao Antigo Terminal Rodoviário, segundo Da Conceição (2016, p.21).

¹²Pati é uma palmeira ornamental muito comum na Amazônia Brasileira, da mesma família das carnaúbas, babaçus e buritis, a *Arecaceae* (Da Conceição, 2016).

lugar recebeu um nome dos seus próprios circulantes e moradores: Mercadinho, e tornou-se bairro de Imperatriz. Chama atenção de indivíduos que viviam em povoados próximos da cidade, em sua maioria, oriundos do campo e do roçado de subsistência que por fim iniciam processo de deslocamento até o bairro.

Nisto, estes novos moradores ocupam espaços, fixam moradia, os homens passam a trabalhar como estivadores, serventes, carregadores e/ou dentre outros serviços braçais e manuais. As mulheres trabalhavam como lavadeiras, passadeiras, cuidadoras e outras atividades domésticas, além do cuidado com o próprio lar, do núcleo familiar e dos filhos, essas pessoas ainda realizavam atividades de roçado em seus quintais no intuito de manter suas famílias em sobrevida no bairro.

Figura 06: Fotografia Aérea do Bairro Mercadinho, observa-se o crescimento da cidade de Imperatriz do rio até a rodovia e para além da rodovia com passar dos anos e a proximidade do bairro com a Belém-Brasília.



Fonte: Google Map Maker, 2024.

Por volta de 1970, o bairro cresceu e ganhou novos contornos urbanos, foi pavimentado com bloquetes e recebeu energia elétrica, o uso de água encanada e a rede de esgoto agora estavam no cotidiano do morador do Mercadinho. Em 1974, na gestão do interventor Antônio Rodrigues Bayma Júnior¹³, foi construído o Mercado de Temperos que se localiza na mesma rua do Mercado de Carne. O mesmo conta com um

¹³Bayma Júnior foi um engenheiro e deputado federal pelo o Estado do Maranhão entre os anos de 1983 a 1987, se ausentou da votação Dante de Oliveira. Em Imperatriz-MA, se tornou interventor do município entre os anos de 1973 a 1975, após a cassação mandato de José Do Espírito Santo Xavier CÂMARA DOS DEPUTADOS, Biografia do Deputado Federal Bayma Júnior, Data de publicação: 14 de março de 2021. Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.camara.leg.br/deputados/131855/biografia>.

espaço de 20 boxes para venda de temperos, remédios naturais, ervas medicinais e raízes, ainda dispõe uma sala da Administração Pública Municipal, que atualmente está desativada.

Figura 07: Fotografia da fachada do Mercado Vicente Fitz, observa-se o logo do governo do Estado do Maranhão ao lado direito do letreiro, referenciando a última reforma, em 2003.



Fonte: Da Conceição, 2022.

Nos idos de 1986, sob o governo municipal de Ribamar Fiquene¹⁴, o Mercado de Carne passou por sua primeira reforma onde toda a estrutura feita de madeira das palmeiras de pati foi substituída por um prédio de alvenaria, as tábuas onde eram cortadas as carnes foram trocadas por pedras de mármore em um espaço com 20 boxes no interior do mercado e mais 20 boxes na parte exterior do mercado, o mesmo que até então era chamado de Mercado de Carne, passou a se chamar de Mercado Vicente Fitz. Ao lado direito do Mercado, surgiu o Troca-Troca¹⁵, uma região de comércio informal onde os seus vendedores observaram na reforma do mercado, uma oportunidade

¹⁴Ribamar Fiquene foi magistrado e professor na Universidade Estadual do Maranhão, se tornou prefeito da cidade de Imperatriz em 1985 e finalizou o seu mandato em 1989. Foi vice-governador do Estado do Maranhão entre os anos 1994 a 1999, seu ultimo cargo político foi de Senador da República entre os anos de 1999 a 2007. SENADO FEDERAL, Biografia de José de Ribamar Fiquene, Data de publicação: 20 de fevereiro de 2012, Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1086>.

¹⁵Segundo Rodrigues (2010, p.42), os produtos vendidos nessa área do Bairro Mercadinho são advindos de receptação, furtos e roubos cometidos em Imperatriz e nas cidades vizinhas.

para venda e compra de produtos de origem desconhecida (Da Conceição, 2016, p. 30).

A feira livre se pavimenta nas ruas Aquiles Lisboa em todo seu trajeto dentro do bairro, e em suas ruas perpendiculares: Rua Ceará, Rua Rio Grande do Norte, Rua Paraíba, Rua Pernambuco e Rua Alagoas. É durante a década de 1980 que o Bairro Mercadinho se situa como entreposto comercial e polo abastecedor das cidades circunvizinhas da Região Tocantina.

Muito moradores do bairro passam a trabalhar na feira livre, como vendedores de frutas, legumes, hortaliças, feijões, galinhas e mandiocas quase sempre plantados e colhidos nos fundos de seus quintais. Outros ainda se mantinham nas atividades de carregadores e estivadores nos dias de feira. Alguns com uma situação um pouco mais favorável conseguiram abrir bodegas, bares, mercearias e casas de artigos religiosos.

Na década 1990, o Bairro Mercadinho aqueceu sua economia local e despontou no comércio atacadista nas áreas alimentícias, cuidados com o lar, panificação, utensílios agrícolas, ornamentação e festas. Dando destaque aos empreendimentos de maior porte econômico e estrutural na época, o Armazém Nádia, Casa São Lucas, Casa Jerusalém e Distribuidora Tropical. Com uma cidade urbanizada, crescendo economicamente e o fluxo de pessoas, serviços e capital girando no bairro fez com que esses moradores mais uma vez se readaptassem em suas atividades de trabalho, bem como o bairro, que também se transformara na infraestrutura, na dinâmica econômica e social.

Entretanto, o bairro passava por grandes dificuldades em sua infraestrutura pela falta de manutenção tanto por parte dos trabalhadores e moradores bem como também do poder público, fez com que acelerassem ainda mais os problemas da rede de esgoto que estourava durante a semana. O pátio do Mercado Vicente Fitz não era limpo cotidianamente, proliferando animais e possivelmente trazendo doenças, relato esse que me foi feito no ano de 2016 pelo senhor Osvaldo Lucas, comerciante no Mercadinho desde 1969, por ocasião de minha pesquisa de monografia na conclusão de curso de graduação.

A cidade mergulhou em profundo caos no ano de 1993, devido a morte do prefeito Renato Cortez Moreira¹⁶, assassinado na rua XV de novembro e um dos suspeitos

¹⁶Renato Cortez Moreira foi funcionário público federal, desportista e político. Foi prefeito da cidade de Imperatriz em duas ocasiões: de 1970 a 1973 e de janeiro a outubro de 1993 quando foi assassinado na Avenida XV de novembro (Sanches, 2002, p. 354-355).

de mandar matar era o seu vice-prefeito Salvador Rodrigues¹⁷ que mesmo nesse cenário, assumiu o poder executivo municipal naquele ano. Contudo, a população da cidade de Imperatriz não aceitava Rodrigues à frente da prefeitura, se iniciaram intensos protestos conhecidos como Revolução de Janeiro, fazendo com que a Câmara Municipal de Imperatriz derrubasse Rodrigues em 1995 (Franklin, 2005).

No mesmo dia da cassação de Salvador Rodrigues, Ildon Marques¹⁸ assumiu como interventor da cidade. Nessa época, a cidade tinha sérios problemas de coleta de lixo, manutenção e pavimentação de ruas e calçadas, problemas que refletiam bruscamente na realidade do bairro Mercadinho, aliado também com a não conscientização dos que por ali trafegam, trabalham, compram e vivem. O interventor então passou a administração do Mercado Vicente Fitz para o governo do Estado do Maranhão, que até então, desde o mandato do João Meneses de Santana em 1960, era de responsabilidade do município.

A segunda reforma no Mercado Vicente Fitz só viria no ano de 2003, na gestão estadual de José Reinaldo Tavares¹⁹, com a reforma os 40 boxes já existentes foram reformados e receberam numeração, banheiros foram instalados, bem como bebedouros de água. Durante a reforma, os trabalhadores do mercado acordaram com os trabalhadores da feira livre da rua Aquiles Lisboa que podiam comercializar suas mercadorias nas portas de suas casas, o tempo que durasse a reforma (Da Conceição, 2016, p. 58).

¹⁷Salvador Rodrigues foi um empresário mineiro que migrou para cidade de Imperatriz anos 1970, é suspeito de ser um dos mandantes do assassinato do prefeito Renato Cortez Moreira. Rodrigues foi condenado a 18 anos de reclusão, pena essa que nunca cumpriu. Faleceu em 2019 em Imperatriz, acometido de um câncer dos rins. O IMIRANTE, morre o ex-prefeito de Imperatriz Salvador Rodrigues. Data da publicação: 11 de janeiro de 2019, Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2019/01/11/morre-ex-prefeito-de-imperatriz-salvador-rodrigues-aos-66-anos>.

¹⁸Ildon Marques é um empresário paraibano de lojas de departamentos com filiais no Maranhão, Pará, Ceará, Piauí e Tocantins. Tornou-se interventor na cidade de Imperatriz-MA logo após a cassação do mandato de Salvador Rodrigues, impulsionada pela Revolução de Janeiro. Se tornou prefeito em outros dois mandatos: de 1997 a 2001 e de 2005 a 2008. (Sanches, 2002, p.71).

¹⁹José Reinaldo Tavares é engenheiro nascido na capital São Luís, foi deputado federal em duas ocasiões: do ano de 1991 a 1995 e do ano 2015 a 2019. Foi ministro dos transportes no Governo Sarney e também governador do Estado do Maranhão entre 2002 a 2005. Hoje exerce a função de Secretário de Desenvolvimento Econômico e Programas Estratégicos no atual governo do Estado do Maranhão. SECRETARIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E PROGRAMAS ESTRATÉGICOS, Perfil do Secretário, Data de publicação: 19 de março de 2023, Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://sedepe.ma.gov.br/noticias/secretaria-de-programas-estrategicos-garante-inclusao-digital-ao-maranhao-em-audiencia-no-ministerio-das-comunicacoes>.

Vale ressaltar que, além da carne outros produtos são comercializados no mercado como, arroz, farinha, cachaça, feijão, queijo, eletrônicos, além do fornecimento de serviço de assistência técnica para eletrônicos. Os vendedores desses produtos e serviços citados ficam instalados nos boxes da área externa do mercado e os boxes da área interna são destinados aos vendedores de carne e peixe.

Logo após a finalização da reforma em novembro de 2003, o governo estadual entregou a administração do mercado para a Prefeitura Municipal e novamente passam a responsabilidade para o município, gestada por Jomar Fernandes²⁰. Os trabalhadores do mercado saíram do espaço da feira e prática da venda no interior de suas casas e retornam para o novo mercado. Contudo, a gestão municipal iniciou com uma política de arrendamento e cobranças de taxas, tal situação gerou revolta e descontentamento entre os trabalhadores e moradores do bairro, mas com o medo de perder seu meio de trabalho, aceitaram tal condição.

Desde então, o Mercadinho sofre com muitos problemas decorrentes do processo histórico de sua urbanização e organização, como o aumento da violência, tornando-se um dos bairros mais perigosos²¹ da década 2010-2020, com elevadas taxas de homicídios, roubos e furtos associados ao consumo de drogas.

Os problemas estruturais agravados que decorrem no bairro, passaram a afetar a vida dos seus moradores, que começaram a ter medo, aflição e a percepção que o Mercadinho não é o mesmo lugar seguro. Por fim, durante a pandemia de SARVS-COV2, que impactou a vida de forma global no ano 2020, cinco moradores²² participantes dessa pesquisa foram acometidos com o vírus, felizmente sem nenhum óbito na vigência de 2020 e 2021.

²⁰Jomar Fernandes é um economista formado pela Universidade Federal do Maranhão, foi deputado estadual em curto período (1999-2000) e prefeito de Imperatriz-MA entre os anos de 2001 a 2004. Hoje exerce o cargo de coordenador Núcleo de Estudos Econômico-Fiscais-NEEF da SEFAZ-MA. ESCAVADOR, Jomar Fernandes de Pereira Filho, Data da publicação: 14 de maio de 2002, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://escavador.com/sobre/6034343/jomar-fernandes-pereira-filho>.

²¹Dados retirados do Estudo de Taxas de Homicídios por região na cidade de Imperatriz-MA entre os anos de 2015 a 2021 do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. IMESC. Ano de publicação: 2021, Data de Acesso: 06 de julho de 2024. URL: <https://dataimesc.imesc.ma.gov.br/series/786/show>.

²²Anotações dos meus diários de campo dos anos 2020 e 2021 como acompanhamento dos interlocutores e do campo de pesquisa.

Com isto, a pesquisa seguiu com a participação dos interlocutores com o intuito de compreender por meio de suas falas como se integram suas vidas e a memórias do bairro na cidade de Imperatriz-MA.

1.1 Moradores do bairro Mercadinho

Os interlocutores são moradores do bairro há mais de 50 anos. É importante enfatizar que o campo de pesquisa também é meu local de moradia e de pertencimento. Assim, foi necessário criar certo distanciamento das relações e do espaço para compor a tessitura desta pesquisa. Sendo este, um exercício difícil, pois é preciso policiar e atentar-se para as interações com o campo e com os interlocutores por meio de suas memórias.

Manter o distanciamento necessário ao rigor científico é importante para que se consiga apreender as mais tímidas manifestações de informações fornecidas pelos interlocutores. Porém, também se destaca que é no pós-conversa/entrevista que alguns relatos e confidências são afloradas. Bosi (1979, p. 3) afirma que, “frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois de entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”. A autora argumenta que muitas vezes as informações partilhadas não são registradas e advêm de confidências que estes sujeitos confiam ao pesquisador.

A convivência com os interlocutores da presente pesquisa se dá desde a minha infância, sejam pessoas do meu convívio familiar ou com as quais divido a mesma vizinhança. Contudo, pouco sei sobre suas histórias de vida, os deslocamentos que eles fizeram até chegar à cidade e as memórias que guardam do bairro onde moramos. Pensando na compreensão dessas trajetórias conversei com nove dos moradores mais antigos do bairro, utilizando-me das conversas informais e gravações para composição e fundamento para pesquisa.

Os interlocutores da pesquisa Maria da Graça Pereira Pedrosa de 78 anos, saiu da cidade de Ipú-CE²³ em 1956 e é moradora do Mercadinho desde 1965 e seu marido José Manoel Pedrosa, 80 anos, nascido na cidade de São Luís Gonzaga - MA. O casal e os filhos mais velhos Aldenir e Manoel Júnior moram até hoje no bairro, eles dividem o mesmo terreno com uma moradia para cada familiar.

²³O município de Ipú – CE fica há 947 quilômetros de distância de Imperatriz- MA. Data da publicação: 19 de junho de 2024; Data de acesso: 20 de janeiro de 2025. URL: http://www.brasildistancia.com/distance/23011380-23229010#google_vignette.

Maria Germana Conceição Mesquita, de 73 anos, nascida na cidade de Bacabal de onde saiu em 1962, moradora do Mercadinho desde 1968, ficou viúva há 40 anos quando seu marido, Antônio Mesquita, faleceu em um acidente de carro. Hoje vive com os três de seus sete filhos: Ivaneide Mesquita, Willas Mesquita e Adailton Mesquita, suas outras filhas, Raimunda, Dora e Ivanilde migraram de Imperatriz para a cidade de Brasília-DF no início dos anos 2000.

Figura 08: Dona Graça Pedrosa sorrindo na janela de sua casa no Bairro Mercadinho, onde mora desde 1965.



Foto: Da Conceição, 2023.

Seguindo as conversações, procurei Ivonete Marinho Sousa Santos, de 77 anos, nasceu na cidade de Araguatins - TO de onde saiu em 1956 com sua família rumo à Imperatriz-MA, moradora do Mercadinho desde 1967, é conhecida como dona Ivone. O marido, Gentil Fernandes, faleceu de falência múltipla dos órgãos em 2016 e ainda hoje ela vive no bairro, próxima de todos os seus oito filhos que também são seus vizinhos.

Após visitar dona Ivonete, fui ao encontro do casal Felisbela Oliveira dos Reis, de 78 anos e Jacó Reis, de 79 anos, saíram de Tuntum - MA para Imperatriz-MA em 1959, são moradores do Mercadinho desde 1965. Dois de seus cinco filhos: Alexsandra Reis e Wimiker Reis moram na cidade de Imperatriz e visitam os pais regularmente. Os outros três filhos saíram de Imperatriz e hoje moram na cidade de Manaus - AM.

Juvenir Rodrigues Silva, de 80 anos, nasceu em Lavras das Mangabeiras no Ceará e migrou para o Maranhão em 1957, moradora do Mercadinho desde 1967, ficou viúva de seu marido José Flor da Conceição falecido em 1974. Dona Juvenir compartilha a casa com dois de seus setes filhos: Elisete e Márcio Rodrigues, o genro Edson Serafim e alguns netos.

Maria Valda Flor da Conceição também é uma figura constante nas páginas desse escrito, tem 64 anos, nasceu no povoado Campestre Grande, município de João Lisboa-MA. Migrou com os pais para a cidade de Imperatriz em 1968, ainda criança, é funcionária pública estadual e até hoje mora no Bairro Mercadinho, com dois de seus quatro filhos: Marcus Vinícius e eu, Margarida.

Desse modo, esses são os interlocutores que participaram deste estudo. Os interlocutores são moradores do bairro há mais de 50 anos, e as informações disponibilizadas durante as conversas que tive com eles, fornece as linhas reflexivas para construção de um olhar reflexivo acerca da importância de pensar sobre a memória coletiva de um bairro dentro da cidade de Imperatriz – MA.

O capítulo apresenta o processo histórico do Bairro Mercadinho atrelando seu surgimento com o crescimento da cidade de Imperatriz, também aborda as primeiras interfaces dos interlocutores desta pesquisa para o leitor a fim de entender como as memórias se estabelecem entre os moradores até hoje.

2 A MEMÓRIA COLETIVA COMO ACESSO AOS MORADORES DO BAIRRO

Para Bosi (1987, p.17), na construção da memória não é a veracidade do narrador que importa, mas sim o que é lembrado pelo mesmo para assim suas narrativas se perpetuarem. A autora aponta como a linguagem se torna o instrumento socializador da memória: “Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (Bosi, 1987, p.18).

Essas imagens são transmitidas nessa pesquisa por meio das memórias de pessoas idosas do Mercadinho, que residem neste espaço urbano desde o surgimento do bairro, em 1962. Essa escolha se enquadra na hipótese psicossocial apresentada por Bosi (1987, p.22), na qual as pessoas mais idosas “já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas”.

Bosi (1987, p.23) distingue vida prática e memória, a autora argumenta que os cidadãos ativos se preocupam basicamente com a vida prática sendo a memória apenas uma necessidade que busca fugir da rotina. Os idosos têm na memória, algo que eles dão muita importância, compreendendo a necessidade de transmitir as suas sabedorias de forma que não sejam apagadas na posteridade e por fim, como meio de resistir com suas vivências atravessadas pelas transformações do cotidiano do bairro.

O valor da construção da memória assume uma função social para os indivíduos refletirem a sua existência, não se resume somente em determinações atuais. Como descreve Bosi (1987, p.39), “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”. A autora ressalta que esse sentimento não é a reprodução do seu estado mais antigo, mas sim uma reaparição de algo que já foi vivido.

As vivências partilhadas por pessoas com mais idade permitem um entendimento melhor do nosso mundo social e que “podem ser compreendidas por quem não as viveu e até humanizar o presente” (Bosi, 1987, p.41). A autora relata que as experiências partilhadas por pessoas idosas são sempre marcadas por vivências profundas que engloba igualmente sentimentos de nostalgia e revolta, mas também a tristeza de rememorar aqueles já não estão mais presentes nas suas vidas.

Sempre marcadas por uma cronologia de processos temporais, uns mais marcantes, outros menos, segundo Bosi (1987, p.337) denomina como “etapas da memória” que compõem diferentes significações e impactos nas suas memórias. A autora exemplifica o casamento, a mudança de casa, a morte de um parente próximo, a formatura, o primeiro emprego, entre outros marcadores cronológicos de suas vidas.

Nos relatos de Juvenir Rodrigues, Germana da Conceição e Maria Ivonete Marinho retratam uma linha do tempo desde a saída de suas cidades natal, o deslocamento e a chegada à cidade de Imperatriz-MA, os seus respectivos casamentos, a viuvez, os traumas e a velhice nos espaços do bairro. E dentro de cada acontecimento desses, essas mulheres narram suas vidas dentro e fora da cidade, nos períodos morados no campo e o tempo na cidade. Nessas memórias, a vida aparece com problemas, alegrias, estranhamentos, amizades que começaram a cultivar em suas sobrevivências.

É um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo, trabalhada no campo da lembrança, entretanto, nunca mais vivida por aquele que o lembra. A casa dos mais antigos moradores do bairro do Mercadinho tem um valor sentimental nas memórias, pois as casas são a relação profunda dessas pessoas com o espaço, dando-lhes o senso de pertencimento ao bairro.

Sobre a relação da casa e a pessoa, narra Bosi (1987, p.353): “Tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver”, isso demonstra como estes espaços são narrados com frequência por moradores que partilham destas memórias. Certos objetos assumem igualmente um valor sentimental para essas pessoas, pois os mesmos representam uma memória vivida (Bosi, 1987, p.354), estes assumem uma característica crucial na identidade e memória de seus donos.

Embora não seja associado aos estudos de memória, o trabalho de Michel de Certeau (1980) contém ideias e abordagens que podem ser relacionadas ao tema de diversas maneiras e pode ser lido como as pessoas constroem e mantêm a memória em suas vidas cotidianas. Seus conceitos de como as pessoas usam “táticas” para negociar o espaço e o tempo podem ser aplicadas à maneira como as pessoas lembram eventos e experiências pessoais.

Para Certeau (1980, p.159) a memória divulga as transformações espaciais, percebendo na sua evocação como determinado espaço, seja uma cidade ou um bairro, se modifica com passar do tempo na vista daqueles que lá estão inseridos. O autor argumenta que essa percepção, no momento oportuno causa uma transgressão na lei do lugar, já que aqueles que lá estão percebem tal mudança, nessa estranheza como bem aborda o autor (1980, p.161), torna-se possível uma transgressão na lei do lugar.

Já que houve transformações perceptíveis pelos indivíduos, percebe-se também que pode haver uma mudança abrupta na própria transformação espacial como fora dito anteriormente. Como se na transformação em curso, acontecesse um desvio que muda toda a trajetória dessa transformação, e desse desvio surgir uma transformação, distinta da primeira, isso se deve, segundo Certeau, (1980, p. 162) pelo fato de a memória não possui uma organização pronta, mas sim ser evocada a partir dos acontecimentos que as permeiam no indivíduo.

Esses acontecimentos são ligados à alteração, uma circunstância estranha como a surpresa, um encontro fortuito no outro, essas perspectivas transformam a capacidade da memória ser alterada, deslocada e sem um lugar fixo. Reflito aqui sob o Bairro Mercadinho e como muitas memórias estão em deslocamento fora do “lugar fixo” do bairro ou da cidade de Imperatriz, mas que mesmo assim, a historiografia do bairro perpassará por esses “momentos oportunos” do encontro entre o eu e o outro.

O deslocamento da memória pode se colocar em órbita a partir da transformação do espaço de evocação da memória no Bairro Mercadinho, que vive uma intensa mudança desde sua formação, também mudará os aspectos das lembranças de seus habitantes, ao modo de lembrar e lidar com o espaço que se transforma, ora harmonioso e ora ojerizado. Torna-se um jogo de montar entre a memória, o morador e o bairro, onde a “brincadeira se modifica” em que as peças das lembranças ganham novos adornos e configura uma outra paisagem a ser entendida.

Destacando, por último, Certeau (1980, p.163) retorna aos três aspectos preponderantes acerca da arte da memória, a primeira é o que autor chama de jogo múltiplo da alteração, pois nele consiste a prática e a regulação da memória, pois com as alterações externas e a possibilidades de deslocar a memória, também se faz necessário “praticar e regular” a consistência das lembranças em novas circunstâncias como no encontro da mão com o piano emitisse sons distintos.

O segundo aspecto trabalhado por Certeau (1980, p.164) é a singularidade da resposta emitida através da evocação da memória, um detalhe, uma nuance aparece como novo parâmetro que desdobra essa memória, isso só é possível porque as memórias são fragmentos particulares que, quando se unem se destacam no tecido da ocasião. Essas particularidades, segundo o autor, (1980, p.164) têm força demonstrativa, exercendo uma função que relaciona um pequeno fragmento concreto com a conjuntura que só resiste no pensamento.

O terceiro aspecto é que a mobilidade da memória é estranha, pois a cada mudança no espaço, se altera a memória, os objetos, fragmentos, lembranças e detalhes nunca são o que são e nunca estão onde estão segundo Certeau (1980, p.165). Esse espaço do não-lugar, da não-memória persiste, pois, o modelo de fazer arte da memória entre os indivíduos se aproveita das ocasiões que timidamente aparecem, criando assim uma pertinência no tempo e teimando com capricho para acautelar tais memórias.

Para isto, o Bairro Mercadinho serve como lugar para evocar essas memórias e cada espaço serve como ponto de partida pra compreender como os moradores chegaram até lá, bem como o bairro se tornou aquilo que é na atualidade. Quando os personagens se dispõem a falar, as memórias individuais e coletivas para com aquele lugar são reveladas, interpretando um jogo entre a memória individual e a coletiva se organizando num senso de permanência.

Isso ocorre nas memórias dos interlocutores com passar das transformações que o bairro sofreu, outrora um lugar de venda e comércio em abundância, de famílias deslocadas vindo do campo, hoje um polo comercial de dimensão regional, com uma área residencial bem menor.

Para Halbwachs (1990, p.48) ao distinguir memória coletiva e memória individual enfatiza que a memória coletiva engloba memórias individuais, no entanto não se confunde com estas últimas. A memória coletiva tem as suas próprias leis e quando as lembranças individuais se inserem nesta mesma e deixam o campo das consciências individuais. A memória individual não é um espaço fechado e isolado, porque está sempre ancorado às lembranças de outros, o argumento é que a memória individual é inseparável.

O autor sublinha que as ideias e palavras narradas não são uma invenção individual do narrador, mas sim da sociedade onde estava inserido, as nossas memórias são marcadas no espaço e no tempo e não estão isoladas de qualquer meio exterior. Como explica Halbwachs (1990, p.143), “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”, o espaço é uma realidade contínua em que as memórias se sucedem.

Enfim, Halbwachs (1990, p.63) cunhou o termo “quadros sociais da memória” para se referir aos contextos sociais nos quais a memória é construída e mantida. Esses quadros sociais incluem família, comunidades, grupos sociais e culturais, religião e instituições e as lembranças individuais são ancoradas nessas estruturas sociais. Com isso, a memória coletiva é atravessada pelos aspectos sociais, dinamizando a

vida dos indivíduos que vivem e compartilham destas experiências, causando-o contrastes e conflitos na tessitura da memória.

3 O DESLOCAMENTO SOB O RECORTE DA LEMBRANÇA: LONGA LÉGUA ATÉ A CIDADE.

Figura 09: Dona Ivone em sua bodega no Bairro Mercadinho.



Fonte: Da Conceição, 2023.

Na esquina da rua Rio Grande do Norte com a Monte Castelo, vive dona Ivone, proprietária de uma bodega no Bairro Mercadinho há 57 anos. Sentada em uma cadeira de balanço, entre os recipientes de cachaça que contém raízes e cascas em sua composição, dona Ivone me conta como chegou até a cidade de Imperatriz:

Araguatins era longe demais naquela época, minha fia. As coisas eram muito difíceis, aí meu pai vendeu a roça pra homi muito rico da região e viemo simbora pra cá (Informação verbal, Dona Ivone, 2023).

A cidade de origem citada por Dona Ivone é Araguatins²⁴ no atual estado do Tocantins, fica há 110 quilômetros da cidade de Imperatriz. Segundo narra dona Ivone, o deslocamento foi difícil pois não havia acesso rodoviário entre as cidades e o deslocamento ficava bem mais adverso com a densidade da mata. A ideia de distância e tempo também se agregava ao contexto vivido a época, a inexistência de rodovias, tornava os percursos bem mais distantes, levando-se a acreditar que as cidades eram bem mais longe umas das outras.

²⁴Pela Lei Estadual n.º 251, de 20-02-1991, alterado em seus limites pela Lei Estadual n.º 498, de 21-12-1992, desmembra de Araguatins o distrito de São Bento. Elevado à categoria de município com a denominação de São Bento do Tocantins. Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído de 2 distritos: Araguatins e Natal. Assim permanecendo em divisões territoriais datada de 2023. Data da publicação: agosto de 2019, Data do acesso: 20 de janeiro de 2025. URL: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=3383>.

Dona Ivone troca de cadeira e senta-se próxima ao portão, ainda com passos ligeiros, ela conta como foi para sua família chegar até Imperatriz - MA em 1956:

Foi estranho, minha fia, o caminho foi longo, mas se acostumar foi muito mais. Meu pai logo arrumou um emprego de estivador²⁵ no cais do rio, eu, minha mãe e minhas irmãs ficamos em casa, cuidando da casa. Isso tudo em 1956 (Informação verbal, Dona Ivone, 2023).

A família de Dona Ivone, embora tivesse feito o trajeto entre as cidades na procura de melhorar a condição de vida, esse deslocamento gerou muitas preocupações, pois como se adaptar na nova cidade ou sobreviver nela? As preocupações permeavam os pensamentos dos pais de Dona Ivone, sobretudo quando o assunto era educação:

A preocupação do meu pai era que a gente não podia ficar sem escola, pra segundo ele, não fazerem a gente de besta. Não exigia da gente, diploma, mas tinha que saber ler, escrever e fazer contas pra poder viver no mundo. (Informação verbal, Dona Ivone, 2023).

Essa fala me atentou ao fato que, embora os pais de dona Ivone fossem analfabetos, como a mesma me relatou durante essa conversa, a educação escolar era uma das prioridades para os filhos em um tempo escasso e pouco oportuno para pessoas camponesas frequentarem a escola, assim como, trabalhar para manter o roçado, era o único meio de sobrevivência e a preocupação primordial dos núcleos familiares camponeses, desde o mais velho ao mais jovem, havia algum tipo de trabalho ou função para manutenção da roça.

Ao final do nosso primeiro encontro, recebi um saco com três laranjas dentro, agradeço e ela encerra dizendo a seguinte frase: “Tive a oportunidade de viver porque cortei a sina, quando tu vim de novo, eu te conto”. Andei pouco metros e retorno para casa, olhando as fotografias que fiz e com aquela frase ressoando no meu juízo e esperando o próximo encontro com os dizeres de Dona Ivone.

No outro dia, fui ao encontro do casal Felisbela Reis e Jacó Reis em sua casa, aproximadamente uns 10 metros de distância da minha. Apertei na campainha, coloquei o rosto no portão vazado e chamei por ela, eu estava acompanhada da minha mãe, Maria Valda, logo dona Bela colocou o rosto no fim do corredor, caminhou e abriu a porta para nós.

²⁵Muito embora seja um conceito designado para trabalhadores de logística de convéns marítimo, o termo estivador é utilizado pelos moradores do Bairro Mercadinho para designar trabalhos de arrumação, carga e descarga de caminhões e outros transportes urbanos.

Entramos e nos sentamos no sofá da sala do casal, onde há muitas fotografias dos seus filhos e netos, seu Jacó estava sentado em uma poltrona reclinável cor de chumbo, havia passado por problemas de saúde, consequência da intoxicação por inseticidas nos seus mais 30 anos de como servidor da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM)²⁶. As dificuldades são múltiplas: os membros inferiores não têm força, problemas cardíacos e insuficiência renal. Sobre como seu Jacó chegou até Imperatriz para trabalhar no órgão, ele conta:

Eu cheguei em Imperatriz em 1972 para trabalhar na SUCAM, eu vim de Tuntum²⁷ e já era casado com a Bela, ela veio comigo. Trabalhava de Guarda de Endemia, como se fosse um agente mais na roça, nos interiores. A gente mexia com veneno demais e fazia muito mal, a gente ficava tossindo, com o olho coçando. Era muito ruim (Informação verbal, Seu Jacó, 2023).

Segundo seu Jacó, após ser aprovado em seletivo para trabalhar na SUCAM, ele deixou a roça onde trabalhava com o pai e veio para Imperatriz, diretamente para o Bairro Mercadinho. Pergunto ao casal, do que lembram do deslocamento até aqui e as primeiras impressões da cidade de Imperatriz:

Era diferente de como a gente vivia, Imperatriz tava crescendo com a história da estrada, chegou muita coisa aqui, empresa, gente, hospital grande e chamava atenção. A gente não tinha pretensão de vir pra cá não, só viemos por causa do emprego do Jacó (Informação verbal, Dona Bela, 2023).

Dona Bela também compartilha de como não estar próximo da cidade dificultou nas oportunidades que ela acreditaria ter. Contudo, ela relembra da infância no povoado Lagoa do Capim, município de Tuntum - MA:

Minha fia, lá na Lagoa do Capim nós era feliz, eu tinha meus irmãos e tudo era mais tranquilo, não tem essas dificuldades que tem hoje. O ruim era que a gente num ia pra escola, não sabia as letras. A roça que era o lugar da gente, não era a escola, não (Informação verbal, Dona Bela, 2023).

²⁶Órgão criado em 1970, na Ditadura Militar, tinha por finalidade o controle ou erradicação das grandes endemias no Brasil, desenvolvendo Programas de Controle de Doenças. Foi extinta em 1990, e dela surge a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA). Data da publicação: março de 2021, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/superintendencia-de-campanhas-de-saude-publica-sucam>.

²⁷Município maranhense há 394 quilômetros da cidade e Imperatriz, fica na região do Alto Mearim, desmembrado de Presidente Dutra. Instalado em 27 de dezembro de 1955. Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Tuntum e São Joaquim dos Melos, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Data da publicação: agosto de 2019, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.tuntum.ma.gov.br/municipio/dados>.

Assim como muitas outras pessoas que viveram no campo, Dona Bela e Seu Jacó também relataram que possuem um sentimento de pertencimento aos modos de vida do campo. Os mesmos se reconhecerem enquanto camponeses a partir dos dispositivos característicos do espaço rural e se identificando com aquele modo de vida. O deslocamento para uma cidade maior, sofrendo o processo acelerado de crescimento, trouxe muitas reações para eles quando aqui chegavam. Dona Bela e Seu Jacó falaram da diferença cultural que encontraram na vivência da cidade. Inicialmente se sentiram deslocados na cidade, onde o ritmo é acelerado, e a solidão que sentiram até construírem novas redes de apoio dentro do bairro.

Figura 10: Seu Jacó e Dona Bela na sala de sua casa no Bairro Mercadinho.



Fonte: Da Conceição, 2024.

Lagoa do Capim ao qual Dona Bela se refere acima é o povoado em que ela nasceu próximo ao município de Tuntum, onde a família realizava atividades no campo, como roçado, plantio e cuidados com pequenos animais. Em 1965, conheceu seu Jacó na cidade e logo iniciaram o namoro, que durou três anos, até se casarem em 1968.

As famílias de seu Jacó e dona Bela já se conheciam, viviam próximos. A família do seu Jacó vivia na cidade, mas sempre estavam na roça em Lagoa dos Carneiros

que fica ao lado do povoado de origem de dona Bela. Sobre o deslocamento e a saudade dos familiares, seu Jacó comentou:

Foi muito difícil deixar a família lá e vim pra aqui, nós somos muito unidos e Tuntum é muito longe de Imperatriz. Mas a gente veio, pois era uma boa oportunidade pra me cuidar da Bela e da família que a gente tava tendo. (Informação verbal, Seu Jacó, 2023).

Minha mãe perguntou para seu Jacó e dona Bela se, sentem-se arrependidos ao mudar-se para Imperatriz naquele período, eles respondem contundentemente que não, pois passaram a gostar do bairro e dos outros moradores que ali chegaram na mesma época que eles e conseguiam ajudar uns aos outros no que era possível.

Nos despedimos, nos acertando para um próximo encontro na próxima semana. Naquele momento, deveríamos fazer uma pausa pois, seu Jacó se sentia cansado e um pouco abatido pelo esforço ao falar durante a tarde conosco.

Como se observa na fala do seu Jacó e dona Bela, apesar dos desafios iniciais enfrentados por eles, os mesmos encararam essa transição como uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento, a mudança para a cidade representou um espaço de liberdade e possibilidades que não eram possíveis no campo. Essa nova fase inspirou um sentimento de esperança e entusiasmo, representou a conquista de autonomia financeira e exploração de novas oportunidades culturais e educacionais da cidade.

Assim, a reação dos indivíduos à migração campo-cidade é complexa e ambivalente, oscilando entre sentimento de perda e de conquista, desafios e superação. A adaptação ao ambiente urbano depende de vários fatores, incluindo a rede de apoio disponível, o acesso a recursos e a resiliência emocional do migrante.

Chegando na residência dos interlocutores, observo o arrastar do chinelo com passos curtos e um corpo magro vem ao meu encontro, dona Graça do seu Neguim me recebe na porta de sua casa: “Oi minha fia, como tá a Valda?”, respondo que minha mãe está bem e que aguarda fazer uma cirurgia de catarata. Pergunto para ela se podíamos começar a conversa sobre como ela e seu marido chegaram ao Bairro Mercadinho.

Sentamos ela e eu embaixo do pé de jasmim vermelho que tem na porta de sua casa. Iniciei a conversa com uma lembrança da minha infância: “ Dona Graça, seu Neguim deixava a carroça dele bem aqui, né?” e aponto para o lado direito de sua calçada, “ Sim minha fia, aquela carroça sustentou nós muito tempo”. Pergunto se seu

Neguim já era carroceiro quando chegaram ao Bairro Mercadinho. Ela me diz que: “Nam, Margarida. Quando chegemo aqui, nós mexia com roça, plantava umas coisas pra comer e vendia outras”, faz uma pausa e retoma:

Viemo pra cá porque o Neguim veio trabalhar mais o irmão. Pergunto para ela como foi a viagem de lá onde eles moravam até aqui: “Saimo da comunidade São Felix, fica na Estrada do Arroz²⁸ para Imperatriz. Chegemo em 1965 no Mercadinho” (Informação verbal, Dona Graça, 2023).

Nesse momento, seu Neguim desponta na rua Rio Grande do Norte, calça de linho marrom claro e camisa da seleção brasileira. Carregava consigo uma cartela de ovos, um pequeno saco com quatro tomates e alguns quiabos. “Eba, minha fia”, ele me grita e diz que só vai guardar as coisas na cozinha e voltará.

Figura 11: Seu Neguim e Dona Graça na calçada de sua casa no Bairro Mercadinho.



Foto: Da Conceição, 2023.

Nisto, dona Graça retoma a história que me contava, quando saíram de São Felix para Imperatriz, segundo ela, só tinham um saco de roupas e os meninos. Ela trabalhava como empregada em uma fazenda da região, bem como seu Neguim era lavrador nessa mesma fazenda. Com as dificuldades de se manter no emprego, fizeram dona Graça e seu Neguim sair de São Felix, com a oportunidade de Seu Neguim trabalhar com o irmão em Imperatriz.

²⁸Estrada do Arroz, hoje Rodovia Estadual BR 386 Padre Josimo Moraes Tavares, interliga os municípios de Imperatriz-MA e Cidelândia-MA. Um importante corredor para escoar a produção da lavoura na Região Tocantina.

Seu Neguim já estava reunido conosco, relembra que a saída de São Felix não foi algo fácil pois, como o mesmo relatou, ele trouxe primeiro a dona Graça grávida de quatro meses, entretanto, ela perdeu o bebê quando chegou em Imperatriz. Quando retornou a São Felix para buscar os filhos, a filha mais velha Wilma, na época com sete anos, havia morrido afogada em um açude de familiares.

Então, as primeiras memórias de dona Graça e seu Neguim acerca de suas chegadas ao Bairro Mercadinho são traumáticas e dolorosas. Ao passo que dona Graça se sente desconfortável para continuar sobre o assunto, digo a ela que podemos conversar sobre outras coisas relacionadas a esse período ou continuarmos em outro momento, contudo ela concorda em falar sobre outros aspectos e quando estiver bem para falar sobre aquele referido assunto, trataríamos posteriormente.

Perguntei-lhes quais foram as primeiras impressões que tiveram do Bairro Mercadinho, dona Graça me respondeu que tinha muita poaca²⁹, as casas eram de taipa perto do Mercado de Carne, mas não eram muitas casas, “eram pouquinhas” segundo ela. Seu Neguim alega que havia alguns postes de madeira e tábuas para trafegar nas ruas, bem como uma imensa quantidade de trabalhadores que estavam a serviço da rodovia. Aqui, Dona Graça revela como se deu o seu processo de mudança até Imperatriz:

Eu saí muito pixotinha³⁰ do Ceará, minha fia. De lá, minha família se mudou para Timon, ficamo lá um tempo trabalhando na roça, só que a roça era ruim, e não tinha nem parente e nem aderente perto. Meu pai vendeu essa terrinha e fomo pra Matões, tinha uns irmão do meu avô lá, pai do meu pai, nos trabalhamos de roça lá também, ficamo muito tempo por lá, passou passou aí meu pai recebeu uma proposta de trabalhar numa fazenda em Gonçalves Dias, aí nos tudim fomos pra lá, o homi disse que ele podia plantar umas linhas de roça pra poder comer, ter umas mandioquinha, passou muito tempo assim. Só que o homi um dia, cobrou as coisas que meu pai plantou e que ele tinha que pagar, que meu pai tava devendo a ele, minha fia! Ai meu pai nem recebeu acerto de nada, o homi mandou ele embora e foi daí que nos viemos pra Imperatriz, em Imperatriz, moramo primeiro no povoado São Félix e conheci o Neguim lá, nos casemo em 1963, e em 1965 viemo pra cá pra essa rua e até hoje nos mora aqui (Informação gravada, Dona Graça, 2023).

A migração da família da Dona Graça se deu primeiro de um estado para outro, já que todo núcleo familiar era do Ceará, após da chegada ao Maranhão, houvera diversas tentativas para se estabelecer nos espaços urbanos que chegavam e as

²⁹Poeira fina.

³⁰Criança pequena.

oportunidades de trabalho eram exploratórias. Para mais, as ruralidades lhe acompanhavam nesse percurso, embora estivessem morando na cidade, os modos de vida com o trabalho ainda eram voltados para agricultura marcando a interação desses indivíduos com o urbano.

Já seu Neguim saiu do município de São Luís Gonzaga³¹ no Maranhão para morar com a família na comunidade São Félix na Estrada do Arroz, naquela época, em 1955, a comunidade ainda fazia parte do município de Imperatriz, contudo não havia grandes interações entre os povoados e a cidade, como o mesmo remonta:

Era muito dificultoso vim na cidade, a estrada era ruim pra andar, não tinha carro, só tinha cavalo e carroça. Sempre precisava se preparar muitos dias pra vim na Imperatriz. Se arranchando nos canto alheio pelo caminho (Informação verbal, Seu Neguim, 2023).

É importante frisar o afeto que os interlocutores sentem do local de origem, sempre remetem suas lembranças com nostalgia e saudade, daquilo que não pode mais ser vivido ou mudou drasticamente depois da vinda para “cidade grande” como bem diz seu Neguim em sua conversa comigo, logo em seguida os fotografei com muita reticência da parte de Dona Graça. Aleguei que a pesquisa, ficaria bem mais interessante com as fotografias deles, e ela aceitou mesmo acanhada, eu disse que revelaria para eles e quando estivessem prontas, entregaria e nós conversaríamos de novo sobre o bairro. Ela me responde: “Eita investigador, Margarida”, eu ri e retorno para casa.

Passados alguns dias, me encontro com Dona Germana, minha vizinha ao lado esquerdo de minha casa, ela estava viajando para Brasília-DF visitando suas filhas e sua ausência da cidade foi motivo da demora em eu ouvir sobre sua história com o Bairro Mercadinho. Ela é uma senhora tímida e de voz baixa, bato palma em sua porta e ela me pede para entrar, sentamo-nos nos fundos do quintal onde tem alguns pés de cebolinhas, cheiro verde, erva cidreira e capim santo, ao fundo colado ao muro esquerdo que faz divisa com muro da minha casa, há um antigo pé de goiaba que ainda dá muitos frutos.

³¹Município maranhense, distante 517 quilômetros da cidade de Imperatriz. Este território sofreu sucessivas modificações que deram lugar à criação dos municípios de Pedreiras e Bacabal. Pelo decreto-lei nº 820, de 30 de dezembro de 1943, que fixou a nova divisão administrativa e judiciária, teve o seu nome mudado para IPIXUMA. Em 1973, voltou-se chamar São Luís Gonzaga. Data da publicação: janeiro de 2023, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis-gonzaga-do-maranhao/historico>.

Dona Germana recorda o caminho feito por ela e a família até sua chegada a cidade de Imperatriz, também assinalada pela vida no campo e atividades de trabalho junto à lavoura e as dificuldades de adaptar-se na cidade. Sobre isso, a mesma lembra:

Eu nasci no Melancia, passei 10 anos lá só, que é no Piauí³². De lá o meu pai carregou nós pra Bacabal-MA³³, nos moramo lá e trabalhando na roça o tempo todo, eu, minhas irmãs... aí teve um tempo que nos mudemo pra um povoado por nome Serraria, que era perto de Pinheiro, e lá meu pai foi capataz de fazenda lá nesse povoado. Com o tempo meu pai ficou desgostoso no serviço e resolveu voltar pra Bacabal, lá em Bacabal eu conheci meu marido, mas já conhecia ele, praque a família dele era vizinha da minha. Nos fugimo pra Coroatá e casemo lá (risos) minha mãe zangou, mas depois passou e voltemo pra Bacabal, depois o meu marido recebeu uma proposta de serviço no Trecho Seco, bem aqui na Açailândia, aí nos viemo pra fazenda que ele ia trabalhar, isso em 1963, ficamo só três meses e viemo pra Imperatriz, bem pra cá nessa casa onde eu moro até hoje (Informação gravada, Dona Germana, 2023).

É importante ressaltar que, os caminhos percorridos por Dona Germana e sua família foram nitidamente definidos pelas necessidades da família, se mudou diversas vezes, circulando dentro do estado na perspectiva de bem-estar. Outro fato a ser delineado são os retornos à Bacabal, ela morou na cidade em três ocasiões diferentes de sua vida: a infância, no início da juventude e depois do matrimônio, levada pelo horizonte desenhado pelos homens que passaram em sua vida: o pai e o marido.

Dona Germana me contou que os desafios ao chegar no bairro Mercadinho foram imensos: a moradia muito pequena que dividia com os filhos, com o cunhado, a sua esposa e os filhos deles. Quando seu marido, Antônio Mesquita retornava do trabalho, depois de muitos dias fora, a casa ficava muito menor, além disso, a escassez dos alimentos e dificuldades de manter os filhos e os sobrinhos na escola atravessavam seu cotidiano.

Por fim, a interlocutora alega também que foi feliz apesar dessas dificuldades, que conseguiu criar os filhos bem mesmo com a morte de seu companheiro em 1982, que ali se tornou seu lugar depois de sua saída do povoado Melancia: “Me sinto em

³²O povoado Melancia fica no município de São Francisco do Piauí, distante 778 quilômetros da cidade de Imperatriz do Maranhão. Data da publicação: 19 de junho de 2019; Data de acesso: 20 de janeiro de 2025. URL: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/sao-francisco-do-piaui.html>

³³Município maranhense distante 485 quilômetros da cidade de Imperatriz, Bacabal – deveu-se à grande quantidade de bacaba (palmeira nativa da região) existente na localidade quando de sua fundação. A inicialização do território de Bacabal data de 1876, quando o Coronel Lourenço Vieira da Silva chegou à região, em busca de terras próprias para a agricultura e fundou a fazenda com sede no local onde atualmente é a Praça Nossa Senhora da Conceição. Data da publicação: janeiro de 2024, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.bacabal.ma.gov.br/dados-do-municipio>.

casa aqui, os vizinhos me conhecem, eu tenho pra mim como se eu tivesse na roça ainda, minha casa me dá isso, hoje nem tanto mais o bairro, mas um dia foi o bairro, hoje mais na minha casa mesmo esse aconchego da roça”.

Ela me acompanhou até a porta, me despeço dela, enquanto fica conversando com suas netas Eduarda e Valéria na calçada de casa, quando estou abrindo a portão da minha casa, eu volto e grito para ela: “Ei Dona Germana, eu vou voltar aí para gente conversar mais sobre o Mercadinho”, ela acenou positivamente a cabeça e disse que me esperava.

Figura 12: Dona Germana em seu quintal de sua casa no Bairro Mercadinho.



Foto: Da Conceição, 2023.

Vou à casa de Dona Juvenir, novamente acompanhada de minha mãe Maria Valda depois de algumas semanas sem interagir com o campo, as dificuldades relacionadas à doença do meu tio Manoel me fizeram parar e ajudar a família nas tratativas médicas. No caminho, eu e ela vamos observando as casas e denominando qual família morava ali: “Lembra Margarida, aqui morava o Dona Nazinha? E ali morava seu Salomão, sua filha Dalva e os filhos”, “Bem ali era o comércio do Zé da Suíça, os filhos fizeram esse hotel”

Minha mãe sempre rememora os moradores falecidos em algumas dessas andanças pelo bairro. Dentro do meu diário de campo, eu levo algumas fotografias: do meu tio José Flor da Conceição, uma fotopintura, uma fotografia 3x4 e uma digitalização 10x15’ da segunda foto citada.

Chegamos ao portão da casa pintada de cal com bisnaga de cor verde, telhado baixo e uma vizinha sentada do outro lado da rua Paraíba subesquina com a Euclides da Cunha, grita para minha mãe: “E aí Valda, como é que tu tá?”, minha mãe responde: “Tô bem, Maria. Manda abraço pra Vera, viu?!”. Maria e Vera são amigas desde a adolescência de minha mãe e meus tios e filhas de outros moradores antigos do bairro, também já falecidos.

Juvenir abre a porta com um sorriso largo e faceiro, abraça minha mãe efusivamente e depois se dirige a mim e eu peço a benção: “Deus que te dê boa sorte, minha fia!”. Nunca ouvi tia Juvenir dizer “Deus abençoe” ou “Deus te ilumine”, a frase que profere sempre me dá uma sensação confortável, mesmo eu não sendo uma pessoa religiosa, é como se eu soubesse exatamente o meu lugar nas lembranças que me cercam, o lugar de sorte.

Entramos em sua casa, tia Juvenir oferece algumas cadeiras de plástico para sentarmos, ali ela iniciou uma conversa quase que interminável com minha mãe, as memórias da família sempre ressurgem nesses momentos. Tive que interromper, começo a perguntar sobre como a família da tia Juvenir migrou do Ceará para o Maranhão no início dos anos 1960, morando em alguns povoados quando aqui chegou. Ela contou como procedeu essa chegada ao Maranhão:

Minha família chegou no Maranhão em 1959, saímo lá de Cedros³⁴ para o povoado Campestre Grande³⁵, que ficava depois da Mucuíba³⁶, era tudo Imperatriz naquela época. A gente comprou a terra e trabalhou na roça nesse com o dinheiro que meu pai conseguiu na roça no Ceará. Em 1964, me casei com seu tio e continuemo morando no Campestre, mas o Zé não queria mais morar lá porque pai Júlio tava sofrendo com doença e um povo grande querendo tomar terras dele, em 1965 viemo pra Imperatriz e o Zé pelejou com pai Júlio e mãe Lia³⁷ pra vim, em 1968, quando eles vieram e compraram uma casa perto da nossa (Informação gravada, Tia Juvenir, 2023).

³⁴Segundo a interlocutora, um povoado próximo a cidade de Lavras das Mangabeiras-CE.

³⁵Povoado do município de João Lisboa - MA

³⁶O povoado Mucuíba fazia parte do município de João Lisboa-MA, mas em 10 de novembro de 1994 foi emancipado o município pela Lei Nº 6.169, então passou a se chamar Senador La Rocque. Data da publicação: janeiro de 2024, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://senador-larocque.ma.gov.br/aspectos#:~:text=O%20povoado%20Mucu%C3%Adba%20fazia%20parte,se%20chamar%20Senador%20La%20Rocque>.

³⁷Termo refere-se aos patriarcas da família: Maria Silva Flor e Júlio Firmino da Conceição.

Lá, tia Juvenir cuidava das atividades domésticas com as irmãs enquanto os irmãos cuidavam da roça, ela casou-se com seu vizinho no povoado, José Flor da Conceição, meu tio. Nesse momento, retiro as fotografias que estão no meu diário de campo e mostro pra ela, olha e toca a foto com a ponta dos dedos, ela a abraça e exclama: “Esse meu marido, Zé”. Emocionada com o momento que trouxe lembranças da vida matrimonial, ela me conta como tio Zé e ela vieram até o bairro Mercadinho:

Ai fiquemo ainda um ano e meio lá no Campestre Grande, morando mais Pai Júlio e Mãe Lia, os meninos ainda eram pequeno, a Valda, a Lúbia, Lindo e o Manel, os outros já era rapazinho e trabalhava na roça mais nós. Ai o Zé recebeu uma proposta de emprego na Imperatriz, em 1967, pra trabalhar vendendo café numa bicicleta foi quando nos mudemo pra Imperatriz, mas não pro Mercadinho. Moremo no Entrocamento primeiro e depois em 1967 mesmo, a gente comprou uma taperinha³⁸ no Mercadinho que essa aqui que eu moro até hoje minha fia (Informação gravada, Tia Juvenir, 2023).

Pergunto como foi chegar numa cidade como Imperatriz que estava crescendo, se estranhou muitas coisas ou se foi um processo razoavelmente tranquilo. Ela me conta que foi muito difícil no início se acostumar com a vida na cidade, mas que estavam determinados em ficar pois o plano era ainda trazer Pai Júlio e Mãe Lia com toda família.

Em 1968, tio Zé consegue trazer os seus pais para Imperatriz e a primeira casa que eles moram no Bairro Mercadinho fica ao lado da sua, na rua Paraíba, morando entre os anos de 1968 e 1989, em seguida, mudam-se para outra casa na rua Rio Grande do Norte, onde mora eu e minha mãe atualmente.

Desse modo, esses homens e mulheres vieram de diversas localidades do Nordeste e Norte Brasileiro, primeiramente se locomovendo de um estado para outro e posteriormente se deslocar por sucessivas comunidades ou cidades dentro do estado destino. Muitos deles saíram de suas cidades natais ainda na infância ou início da adolescência, outro fato a ser demonstrado é que os moradores, ao se estabelecerem em Imperatriz não se deslocaram mais à procura de moradia, nem dentro do Estado do Maranhão, nem algum outro estado.

As saídas desses interlocutores dos seus locais de origens se dão pelos mais diversos motivos, fugindo da pobreza e da fome, a procura de uma melhor expectativa de vida, conflitos agrários e familiares. Também se denota a descrição que os mesmos

³⁸Casa pequena feita madeira e barro.

fazem do primeiro espaço físico habitado, sempre marcado pela humildade dos componentes da casa e a falta de recursos no espaço diminuto.

Vale também destacar outro ponto interessante nessa análise, a lembrança sobre a “roça” ou “campo” entre os interlocutores é bem mais notória do que a lembrança sobre a “casa”, interpretando que o afeto a terra é mais nítido do que com a casa em si na sua infância e juventude. O percurso trilhado é marcado pela migração de suas localidades rurais até os centros urbanos mais desenvolvidos, também grifado por muitas paradas no trajeto da viagem até o local de destino.

Figura 13: Tia Juvenir segura a fotografia do Tio Zé, no quintal de sua casa no Bairro Mercadinho.



Fonte: Da Conceição, 2023

Delimitar esses deslocamentos embrenhados com dificuldades que as pessoas campesinas enfrentaram, até se estabelecer no Bairro Mercadinho, marcados por distâncias e paragens. É lúcido destacar que, o início de suas sobrevivências no novo espaço havia começado e as dinâmicas e relações entre eles e o bairro trariam novos reveses para se estabelecer e permanecer no bairro.

3.1 Dona Germana e o intercâmbio de cuidados: maneiras de permanências para sobreviver ao bairro.

Passados alguns meses, imersa nos assuntos familiares acerca da saúde de meu Tio Manoel, seguida de sua morte em maio de 2023, retornei ao campo de pes-

quisa em junho de 2023. Foi dificultoso, carregado de lembranças do ``Manel``no percurso das suas leituras da revista Tex, sua infância no bairro, confessadas para mim, em muitos dos nossos encontros da nossa tenra convivência.

A dor é um elemento potente que aproxima as pessoas, os compartilhamentos de experiências nos vêm de forma simbólica e importante para a memória. Sob ela, constituem algumas aproximações entre o indivíduo e o espaço da dor, assim como une pessoas em seus processos de luto, pavimenta novos contornos da relação entre o morador e o espaço que mora.

Dona Germana acompanhou de muito perto a trama familiar que se deu em minha casa e foi com ela que primeiro conversei no retorno ao campo, daqui, remexi nas minhas dores e muito além disso, deveria ser atenta às dores que os interlocutores colocam nas suas memórias.

Os tempos difíceis para permanecer no bairro é atrelado as perdas, traumas que os moradores experimentaram ao longo de sua vida. Germana relembra que nesses períodos, o intercâmbio de cuidados, termo que utilizarei ao longo do texto para possibilitar um melhor entendimento dessas ações, se intensificam entre os moradores em momentos de acontecimentos profusos na vida dos mesmos.

Dona Germana se recorda atentamente de três eventos de sua vida em que esteve sob o intercâmbio desses cuidados: A ausência do marido Antônio e do cunhado Benedito, por conta dos serviços em outras cidades em sua chegada no bairro. A morte de Antônio em 1982, e a morte de seu filho, Ivan, em 2022.

Germana relata que, ao chegar no Mercadinho, incorria de um novo processo de habituação, acostumar-se na nova casa em uma cidade distante do seu povoado lhe trouxe algumas estranhezas e também desafios de permanência. Isto se alterou ainda mais, quando o marido e cunhado partiram para uma outra cidade para trabalhar. Nessa época, dividia a casa de dois quartos, uma sala e uma cozinha com a sua concunhada Mazé e os 12 filhos de ambas. Para sobreviver àquelas condições de constante dificuldade, Germana e sua família era auxiliada pelo os seus vizinhos, com itens como alimentos e suprimentos de necessidade básica. Sobre esse período, a interlocutora relata:

Como o Antônio e o Benedito passava dias fora, ficava eu e a Mazé com os menino em casa. Aí, Dona Lia e Seu Júlio vinha saber se tava tudo bem, a finada Inês trazia um cuscuz pro café, a comadre Bela tava perto...(Informação verbal, Dona Germana, 2023).

A atenção dos vizinhos com sua família, ajudaram Dona Germana permanecer no bairro, pois muitas vezes, pensava em retornar para sua cidade natal, Bacabal. Contudo, ela se sentia abrigada e protegida pelos seus vizinhos e esse sentimento de preocupação com próximo é irrigado pelas vivências comunitárias trazidas do campo como ela descreve:

Minha fia, o povo da cidade não se preocupa, não. Cada um só olha pro seu imbigio e você fica mufino se precisar, aqui a gente se ajuda porque a gente sabe das dificuldade, porque tudinho veio da roça, trabalhando com as mãos mesmo e por isso a gente tem zelo pelo que come e por quem cuida da gente (Informação verbal, Dona Germana, 2023).

Essa fala chamou a minha atenção pois, explicita a relação dos moradores do bairro com suas raízes campesinas, dona Germana compara o zelo pela terra tal qual o cuidado um para com o outro. O pertencimento ao espaço do bairro está atrelado por zelar o próximo, prática que ela destaca que os moradores urbanos não têm uns com os outros, baseando suas relações no individualismo.

É importante observar que, o acompanhamento dos outros moradores com sua família se deve também com as semelhanças que existem nas vidas desses indivíduos como as dificuldades perante o trabalho, o pouco acesso aos alimentos necessários para o cotidiano e destreza de lidar com as adversidades, pois era a única maneira de poder sobreviver naquelas condições.

Outro ponto que dona Germana destaca, por conta da ausência de seu marido em casa, os moradores acreditavam que a família estava descoberta de cuidados, não porque Antônio havia `abandonado` a família, eles não acreditavam nessa premissa, mas sim por saber que Antônio estava a trabalho e que Dona Germana, Dona Mazé e seus filhos precisavam de cuidado redobrado naquele momento.

Contudo, Germana precisou lidar com a morte do marido em 1982, Antônio faleceu em acidente de carro na cidade de Buriticupu. Ela narra que seu cunhado, Benedito, estava junto do irmão na tragédia e não teve condições de trazer o corpo para Imperatriz. Por fim, enterrado por lá no cemitério daquela cidade que falecera. Esse acontecimento fez a mesma repensar como seguiria a vida agora com a viuvez e os sete filhos para cuidar.

Benedito e Mazé foram embora da casa que viviam com Germana e Antônio, alguns meses depois de sua morte, deixando para Germana sua parte da casa que construiu com o irmão. A interlocutora relata que o cunhado se sentia na obrigação de

deixar Germana na casa com os filhos pois, como o mesmo disse para ela à época, ficaria muito difícil sem um teto para morar com uma ``ruma`` de meninos.

Aqui, novamente os seus vizinhos a ajudaram até parcamente se estabilizar, Dona Bela e Seu Jacó ajudaram no processo de pedido de pensão por morte, dona Inês e sua filha Meire ajudavam nos cuidados com as filhas mais novas de Dona Germana: Raimunda, Dora e Ivaneide. Foi nesse momento que os filhos Adailton, Ivan e Willas começaram com pequenos trabalhos na Feira Livre do Mercadinho ara ajudar em casa, enquanto Ivanilde, a filha mais velha ajudava a mãe com as atividades de lavagem e passagem de roupa para o sustento da família.

A mobilização intrafamiliar possibilitou pequenas melhorias no cotidiano de casa, embora as dificuldades ainda fossem muitas, os vizinhos continuavam em atenção por Dona Germana e os filhos até a maioria dos mesmos. Seu Jacó, Seu Neguim, Seu Gentil e meu avô Júlio sempre eram encontrados aconselhando os filhos de Dona Germana durante a vivência do bairro. Aqui, o intercâmbio de cuidados zelava pelo discernimento de seus filhos para que se encaminhassem bem no trabalho, e retorna o sentimento de sobreviver em mais uma adversidade no pertencimento e senso comunitário que os vizinhos os cercavam.

Com passar dos anos, os filhos de Dona Germana começaram constituir suas famílias e trabalhar e tornaram-se profissionais dedicados. Willas tornou-se trabalhador da construção civil, Adailton é mecânico especializado em motos e muito requisitado pelo os moradores de dentro e fora do bairro. Ivanilde trabalha como cuidadora na cidade de Brasília, Ivaneide é panificadora e confeitadeira em Imperatriz, Raimunda e Dora como auxiliares de serviços gerais em uma creche municipal também na cidade de Brasília. O Ivan, filho mais novo de Dona Germana tornou-se caminhoneiro de materiais recicláveis e nele se deposita a última grande dor da interlocutora.

Adailton acordou minha mãe numa noite de agosto de 2022, lá pela às 23 horas, raramente ele fazia isso, só quando Germana se sentia mal e pedia nossa ajuda para algum remédio ou chá. Mas naquele dia, ele bateu na porta e não conseguia se expressar, a fala não saia, pois a notícia que o Adailton pediu para minha mãe contar doeria nela e em toda uma rua que viu Ivan crescer.

Ivan faleceu em um acidente de caminhão na cidade de Nova Olinda - TO, há 300 quilômetros da cidade de Imperatriz e me lembro da aflição que a minha mãe sentiu com o pedido do nosso vizinho. Eu, ela e Adailton entramos na pequena casa de teto

baixo e rumamos para o quarto onde a mesma estava sentada na ponta da cama enrolada com um lençol de flores azuis, olhando para baixo. ``Dona Germana, eu vim aqui porque aconteceu uma coisa muito triste, o Ivan nos deixou``, quando a minha mãe terminou de falar essa frase, dona Germana disse: ``Eu sei minha fia, eu senti`` e colocou a mão no peito.

Eu não me lembro de ter presenciado algo tão triste e visceral como aquele dia em relação aos meus vizinhos, e sentimos um silêncio anormal pela rua. O impacto daquela dor em Dona Germana derrubou muito de nós que os acompanha desde a sua chegada ali, Ivan era um rapaz solícito, alegre, gentil e cuidadoso com a família, e nessa experiência traumática rememorada um ano depois pela mãe, ela discorre:

O meu chão se abriu, minha fia. Não tem quando tu prega um prego na parede, aí machuca a parede, aí quando tu tira o prego, a marca tá lá ainda. É assim que eu sinto essa dor, ela tá lá todo dia. Quando o Antônio morreu, eu pensei como ia fazer pra criar esses menino tudo só, mas todo mundo aqui no Mercado foi me ajudando um pouco e fui me ajeitando até os menino crescer um pouco e poder trabalhar. No dia que o Ivan morreu, o Adailton não conseguiu me contar e pediu pra Valda contar, que vocês ficaram comigo aqui de noite. Depois, a comadre Bela, Dona Graça, Dona Terezinha me ajudaram com as coisas do velório, foi Deus em primeiro lugar, a família e os vizinho. Porque eu não ia dar conta, não (Informação gravada, Dona Germana, 2023).

A maneira como Dona Germana atribui sua dor com a metáfora de um prego martelado em uma parede e que deixa marca que se lembra, atravessa não somente a dor vivida naquele momento, mas também prosseguir com ausência de convivência, de um encontro, de uma presença constante. Ao relatar que a dor perdura mesmo com tempo, demonstra que o evento traumático da perda de Ivan invoca dores que dificilmente podem ser adormecidas, quiçá curadas.

Ela também rememora a perda do marido e o medo de estar só com filhos pequenos e a morte do filho, indubitavelmente, trouxe o medo da solidão perante a maior perda de sua vida passada até ali. Novamente, a vida impõe a interlocutora uma nova adequação em sua vida.

Germana observa também que, a presença de seus vizinhos no percurso do evento traumático demarca novamente, a atenção e o cuidado, consigo e com seus familiares. A acolhida dos moradores, mais uma vez, trouxe um senso de pertença, cuidado e amparo.

Em todas essas ocasiões mencionadas por Dona Germana, ela reitera de forma contundente como a rede de apoio que recebeu por seus vizinhos lhe deu subsídio

para retomar a vida com sua família frente às tragédias que a abalaram. Embora Germana comente no fim desta conversa, as coincidências entre a morte do marido e do filho: um acidente, em um caminhão onde quarenta anos separam os dois eventos que a perturbam com a dor, mas que a atrelam com o espaço e as pessoas do bairro que fizeram de sua família, parte importante de sua composição, todos vividos e experimentados na rua que chegou em 1980.

Se tudo que observei nessas linhas e palavras que Dona Germana me proferiu, observo que, suas angústias me incorrem durante a escrita, a lembrança da lembrança dela agora se crava na minha memória. Não somente pelas narrações de sua vida, mas por experienciar o último acontecimento com ela, longe de mim comparar o que eu senti com o sentimento de Dona Germana, mas me vejo ao seu lado naquele dia imponente.

Assim me senti durante o velório e o enterro de Ivan, imponente, essa pesquisa já acontecia naquele período e me sentia desconfortável pois sabia que, em algum momento, pararia nas páginas desse escrito, não só como evento traumático, mas como a própria memória se modulando nas nossas frentes, se movendo e nos moldando como duro alinhamento como a vida é, um corte no tempo que se torna lembrança.

3.2 Dona Bela e Seu Jacó no cuidar sobre atos: um destempero intestinal.

Aqui abordo a ocasião da qual a minha família necessitou do intercâmbio de cuidados dos moradores do bairro, relato o episódio de uma infecção intestinal que me acometeu em 1999 e quando Dona Bela e Seu Jacó ajudaram minha mãe me levar ao hospital. Nessa época, seu Jacó era um dos poucos vizinhos que tinha um carro, o modelo era Gol 1000 1994³⁹ da Volkswagen, um daqueles clássicos carros quadrados noventista. Lembro-me bem disso, pois quando o carro chegou com seu azul escuro e pouco brilhoso, os meninos da rua faziam um maior alvoroço em torno do automóvel, inclusive eu e meu irmão Júlio.

³⁹ Carro fabricado pela Volkswagen do Brasil, o mais vendido entre os anos de 1990 a 1999, chamava a atenção pelo seu design arrojado e aerodinâmica quadrada. Data de publicação: 11 de maio de 2022. Data de acesso: 11 de fevereiro de 2025. URL: www.colecionadordecarros.com.br.

Nas minhas tantas teimosias de criança, na curiosidade de saborear o mundo no silêncio para ``malinar``⁴⁰, eu havia ``comido`` uma carne suína salgada e esticada ao sol pelo meu avô Júlio, ato este que me fez muito mal, segundo relato de minha mãe, talvez tenha sido desse episódio que nunca mais tive tanta afeição a comidas com porco. As dores de barriga, diarreia e febre alta a preocupava e decidira me levar ao Hospital Municipal Infantil Socorrinho,⁴¹ mas sem recursos financeiros para pedir um táxi, não sabia como me levaria.

Se locomover no fim dos anos 1990 era uma turbulência, não havia transporte por aplicativo ou acesso mais integrado de automóveis ou motocicletas, o transporte público já sofrida com defasagem com a empresa Transporte Coletivo Imperatriz⁴², um táxi saíria muito caro e ter um transporte era, digamos que um luxo, para as classes trabalhadoras era mais comum se utilizar da caminhada, quiçá de uma bicicleta. Naquela situação delicada de saúde, era necessário pedir auxílio.

Meu avô Júlio sempre foi um homem muito reservado, mesmo tendo um bom relacionamento com os nossos vizinhos, ele era a pessoa que gostava mais ajudar do que pedir ajuda, justamente pelo seu perfil introspectivo. Mas pela família, ele não se adequava esse direito, sua preocupação com sete pessoas com quem compartilhava a casa sempre apontada em primeiro lugar, e nessa circunstância que ele fez um pedido.

Foi então que meu avô Júlio foi até a casa de seu Jacó e pediu-lhe para levar-nos até o hospital, o mesmo com muita gentileza e cuidado conosco, levou, esperou e nos trouxe de volta para casa naquele dia. Embora na minha cabeça de criança, eu só imaginava como eu iria me gabar do ``meu passeio`` no carro do Seu Jacó com meus amigos da rua, narrando os detalhes do estofado, os tapetes emborrachados, o encosto de banco com bolinhas de madeira e que (pasmem!) havia um toca fitas.

Na minha memória, eu somente resguardava os pedaços de lembrança sobre o carro, mas minha mãe sempre ressaltava o cuidado daquele dia em específico e como a atitude de seu Jacó foi crucial para minha saúde. Este relato foi algo rememorado por minha mãe no último encontro com eles em sua casa, esse intercâmbio de cuidados

⁴⁰ Termo para mexer em algum objeto.

⁴¹ Hospital Municipal voltado para o cuidado de crianças até os 12 anos de idade, funcionando completamente pelo Sistema Único de Saúde, fundado no ano de 1992. Data da publicação: 20 de junho de 2013. Data do acesso: 11 de fevereiro de 2025. URL: www.imperatriz.ma.gov.br.

⁴² Rede de Transporte Coletivo do Município de Imperatriz, hoje opera pelo nome de Rio Anil Transportes – RATRANS. Data de publicação: 22 de julho de 2018. Data de acesso: 11 de fevereiro de 2025. URL: www.ratrans.com.br.

não se estendia apenas entre os moradores mais antigos do bairro, mas também com os filhos, netos e amigos dos moradores em questão.

Outro ponto a se observar é a confiabilidade que os moradores têm uns com outros, ao passo que, ciente que seu Jacó atenderia seu pedido, meu avô confiou na solidariedade do vizinho, que o recebeu positivamente. Em tempos do individualismo na cidade se impõe sobre as relações entre as pessoas, trazer para perto essa dinâmica de cuidado faz com que os laços de pertencimento se fortaleçam. Sobre a atenção requerida entre os vizinhos, seu Jacó discorre:

Minha fia, a gente aqui se ajudou muito e sempre, porque lá onde eu morava era assim, a gente foi acostumado assim, ajudar o outro. Aqui a gente continuou com esse costume, nós tudinho aqui era assim, se ajudava porque era um costume lá da roça, dos pais da gente. (Informação verbal, Seu Jacó, 2023).

Aqui é importante detalhar como tempo é disposto pelo interlocutor, ``lá`` descrito pelo mesmo remete não só a lembrança do espaço e distância são adequados em seu tempo e muito além, o interlocutor evoca para o presente para concordar com as atitudes manifestas por ele mediante seus vizinhos. Esse ``tempo`` também são marcos cronológicos entre ontem e o hoje, entre as ações pretéritas que coadunam com as ações do presente.

Há uma forte presença dos costumes passados entres núcleos familiares rurais, de pais para os filhos e vínculo com o roçado e mecanismos de sobrevivência desse espaço que, tempos depois, deságuam nas convivências entre esses moradores que vieram do campo para cidade. Muito embora haja táticas para se adaptar e permanecer na cidade, a todo momento se modulando a dinâmica urbana, os traços do meio rural ainda se encontram latentes entre eles, ainda mais, quando os moradores se aproximam pelas aproximações de suas chegadas até o bairro.

Outro ponto a se delinear é a maneira como eu lembro desse ocorrido e como minha mãe lembra, ressaltando o contexto de preocupação desse dia, por um lado, ela rememora a ida ao hospital, a gentileza do Seu Jacó aguardar e a espera pelo atendimento. Eu consigo lembrar dos itens do carro do nosso vizinho, o banco, o toca fitas, o encosto com bolinhas de madeira, isso demonstra que a minha atenção e a atenção da minha mãe sobre essa memória são distintas, lembramos de momentos e modos diferentes sobre o mesmo ocorrido. Isso não decorre que há uma memória mais significativa que a outra, mas demonstra como nós esquadrihamos os acontecimentos de nossa vida baseada pela nossa perspectiva e afeto empenhados naquele período.

Rememorar acontecimentos que levam ao senso comunitário, pertencimento e sobretudo, de afeto, fortalece as memórias e preservam os laços estabelecidos entre os moradores, na constância permanência do cuidar e constituir socialmente no bairro. Permanecê-lo também, é se perceber uma criança envolta desses vínculos que figuram sua vida inteira e só os percebe quando reorganiza as memórias em linhas textuais, pois que, a cidade, pode em algum momento, me desentrançar da vivência em meu bairro.

3.3 A amizade de Graça e Melissa: filhos, dificuldades e sabão.

Nas nossas primeiras conversas, Dona Graça não falou sobre a morte da filha, a memória do trauma ainda tece silêncios na vida da mesma, contudo Dona Graça me permitiu ouvi-lã sobre esse evento e as marcas profundas deixadas em sua vida:

Eu tava buchuda e vim pra Imperatriz, ai aqui eu perdi o nenê. Nisso, quem tava cuidando de mim era o Neguim e a nossa vizinha, comadre Melissa, no resguardo né.... Quando o Neguim voltou em São Felix pra buscar a Wilma, Aldenir e o Júnior, a menina tinha se afogado no açude, minha fia... (choro) (Informação verbal, Dona Graça, 2023).

Dona Graça ficou muito emocionada, chorando e recordando da morte da sua filha, ela faz uma pausa, levanta-se e vai até a cozinha, trouxe uma garrafa de água e um copo de alumínio e diz: “Fui beber água, bebe tu também”, em silêncio, bebi a água oferecida olhando para uma grande fotografia de dona Graça na parede da sala, com fundo rosa, cabelos pintados e uma roupa de brim azul.

Aquele longo silêncio foi interrompido por um suspiro de Dona Graça, passou a mão pelo os olhos e disse que não deveria ter deixado as crianças em São Felix, o sentimento de desespero e fracasso se debruçou sob a mesma ao recordar e me narrar a experiência de perder a filha naquelas circunstâncias. Ela diz que, precisou de muito apoio pois, acabara de chegar no bairro, estava longe da família e do povoado que morava e atravessou o processo de luto: tanto do aborto que sofreu, como da filha que acabara de se afogar.

Passar por essa situação aproximou Dona Graça de outros moradores do bairro, compartilhando algumas experiências, dificuldades, se ajudavam mutuamente e isso a levou se sentir um pouco mais tranquila mediante os problemas enfrentados naquele

período. Foi aqui também que, nasceu a sua amizade com Dona Melissa, uma de nossas vizinhas que viveu por cinquenta e dois anos no bairro e partiu em 2015.

Elas se aproximaram e começaram a se ajudar com a criação dos filhos, naquela época, Dona Melissa já era viúva com três crianças, também tentava sobreviver no bairro mesmo com as adversidades. Nisto, Graça e Melissa se tornaram comadres (Aldenir, filha de Dona Graça é afilhada de Dona Melissa) e com tempo e a convivência, bolaram um pequeno negócio: venda de sabão na Feira Livre do Mercadinho. Dona Graça relata que:

Sempre fui muito chegada dos meus vizinho, mas a Melissa era a mais chegada, ela morava aqui do meu lado, né? E chegou quase que na mesma época do que eu. E ela já chegou aqui viúva e os três filhos, uma carreirinha de menino. Então era amizade grande, ela me ajudou desde o início, com tudo. Sempre me dava uma coisinha ou outra e depois pegamo gosto fazendo sabão e vendendo na feira. Ai fomo ficando velha e deixando de mão, não demorou a bichinha faleceu. Sinto muita falta dela (Informação gravada, Dona Graça, 2023).

Iniciaram reunindo o óleo de cozinha utilizado em suas próprias casas, a produção era feita no quintal da casa de Aldenir pois o espaço era maior para colocar as bacias utilizadas e também para evacuar o cheiro da soda cáustica utilizada no processo. Depois, Dona Graça começou a pedir para os vizinhos que recolhessem os óleos utilizados em garrafas de refrigerante para ela utilizar na produção. Ela passava em nossas casas nos dias de terça e quinta pela manhã, logo após a sua ida na missa da Paróquia São Francisco.

Alguns poucos vizinhos não gostam de ajudar, não faziam questão de dar o óleo para elas, mas aquilo que juntava, rendia bastante na fabricação. Quando o sabão ficava pronto, elas cortavam em pedaços em um tamanho parecido com do sabão convencional, colocavam em um carrinho de mão e iam para feira vender, quando sobrava, elas passavam nas ruas Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba oferecendo para os moradores.

Os lucros eram divididos de maneira igual entre as duas, e Dona Graça relembra que não haviam grandes desentendimentos entre as mesmas. Aquela convivência com Dona Melissa foi primordial para sua sobrevivência no bairro, a tática utilizada de vender sabão as ajudaram criar os filhos, pagar contas, comprar itens de casa e alimentos. Para além disso, fortaleciam a amizade e as pequenas independências que o trabalho dava para elas.

Com passar dos anos e o envelhecimento chegou para ambas, e concordaram em parar a fabricação pois, o corpo físico já tinha mais agilidade de outrora, embora a cabeça ainda está plena atividade. Mas continuavam próximas, conversando todos os dias, os filhos são amigos entre si, e os netos também são, inclusive os netos de Dona Graça e Dona Melissa cresceram comigo e meus amigos, Gustavo, neto de Dona Melissa é um dos melhores amigos do meu irmão Júlio.

A amizade fortalecida no caminho do bairro auxiliou dona Graça e Melissa atravessar a vida com menos adversidades, subvertendo as dificuldades impostas pelo contexto em que estavam. No escopo desses aspectos também que, as amigas se cuidaram, se estabelecendo com meios de subsistência no bairro e permanecendo durante os anos que aqui vivem.

O cuidado e o amor entre as duas as salvaram com cotidiano compartilhado, com o trabalho e astúcia para driblar as dificuldades, e o tempo abrigado na amizade de ambas que permaneceram até o fim lado a lado na rua do bairro.

3.4 A morte do Zé do Café e o abalo familiar aos olhos de Juvenir.

Na minha infância, falar sobre a morte do tio Zé era um assunto proibido, restringia-se aos mais velhos da casa e em conversas acantoadas, eu não sabia diferenciar uma morte “matada” e uma morte “morrída”, então a curiosidade sempre pairava quando esse tema retornava. Eu que vivi uma vida inteira com meus avós, hoje consigo criar um quadro emocional dos mesmos com a perda de um filho de forma tão violenta.

Me lembro na infância, meu avô, vez ou outra, entrar no quarto e abrir o guarda roupas na parte inferior debaixo de lençóis e colchas de cama, uma camisa de botão muito surrada e velha. Ele observa aquela camisa com certa tristeza da qual eu não estava acostumada ver em meu avô, foi o único momento da minha convivência com ele que o vi infeliz. Voltar há cinquenta anos no silêncio do 19 de outubro fizeram dos meus avós, pessoas que relegaram esse acontecimento numa memória muito distante e etérea pelo medo de latejar a dor.

Segundo tia Juvenir e alguns dos meus familiares, o tio Zé era um homem baixo, branco, de olhos verdes parecidos com os da minha mãe, cabelos castanhos e um rosto sereno. Andava sempre muito alinhado e cuidava para que a esposa e os filhos também andassem todos em “boa aparência”. Era o filho mais velho dos meus avós, o único que nasceu no estado natal do meu avô Júlio, Alagoas.

Contudo, viveu sua infância na cidade de Juazeiro no Estado do Ceará, com os pais e os irmãos mais novos Francisco e Antônio. Nesta época de sua infância, o meu avô trabalhava como carpinteiro e tinha uma roça no fundo de casa, enquanto a minha avó se responsabilizava pelo cuidado com o lar e os filhos, nenhum deles frequentou a escola.

Em 1953, a família começou a se deslocar rumo ao Estado do Maranhão, primeiramente moraram na cidade de Presidente Dutra, onde nasceram outros dois irmãos de José: Ledo e Lindomar. Ali viveram por alguns anos, até decidirem ir para Imperatriz, no sudoeste do estado onde fixam morada no povoado Campestre em 1958 e também nascem mais quatro filhos do casal: Manoel, Maria Valda, Maria Lúbia e Djalma. Viviam do plantio da roça, criação de pequenos animais e outros serviços braçais.

Tio Zé e Tia Juvenir mudaram-se para Imperatriz em 1967, morando primeiramente no Entrocamento e em seguida no bairro Mercadinho, em 1968, depois de muita insistência dele, meus avós vieram para Imperatriz e passaram a morar no bairro também. Todos dividiam o mesmo espaço com duas casas: uma casa dos meus avós e a casa do tio Zé e tia Juvenir. Todos os filhos tinham algum tipo de atividade em algum estabelecimento que a minha avó arrumara trabalho para eles, com tempo, meus tios tornaram-se crediários e minha mãe e tia Lúbia, funcionárias públicas.

Em 1974, minha mãe Maria Valda, com 14 anos na época, viu o irmão passar em frente o posto de gasolina Imperial às margens da rodovia Belém-Brasília onde ela se ocupava varrendo o pátio para ganhar um dinheiro e ajudar em casa. José a cumprimentou e recomendou que tivesse cuidado pois ali poderia ser muito perigoso quando entardecesse.

A rota daquele dia seriam os bairros Entrocamento e Juçara, José era representante do café Pina, empresa sediada em Anápolis no Goiás, que expandia seus negócios para o Maranhão e Pará a partir das oportunidades por conta da construção da rodovia. Visitou os clientes no Entrocamento, acertando os pedidos dos comércios e os preços que poderiam ser vendidos, anotou em sua caderneta e fora para o bairro Juçara para encontrar os demais clientes.

Era um sábado pela manhã quando o tio Zé encostou sua bicicleta na calçada de um comércio na rua Bom Futuro, faria o mesmo de sempre: observar o estoque, coletar os pedidos, acertar os preços. Contudo, houve um desentendimento sobre o valor de um produto e no descontrole daquela situação, o homem desferiu 8 facadas no vendedor de café. Ali, em um sábado pela manhã de 19 de outubro de 1974, tia

Juvenir perdeu o marido em uma morte extremamente violenta e sem resolução, sua vida mudara completamente e a marca do trauma vive até hoje entre ela, seus filhos e familiares:

Margarida, foi um tempo pesado. Eu tava buchuda da Sandra, de cinco mês, mais quatro menino pequeno pra cuidar. Mãe Lia virou outra pessoa naquele dia, o filho mais velho dela saiu vivo e devolveram matado, pai Júlio jurou o homem de morte, mas não chegou fazer nada não (Informação verbal, Tia Juvenir, 2023).

A morte de Tio Zé desmantelou minha família por inteiro, quando lembro dos silêncios dos meus avós sobre o assunto e a relutância de conversar sobre é reviver aquela ferida. Tia Juvenir rememora como cada um dos familiares sofreu naquele luto, além de constituir forças para cuidar dos filhos e do próximo bebê que chegaria em alguns meses. A promessa de matar o homem que matou meu tio permeou por muitos anos a cabeça de meu avô, segundo ela, mas foi desistindo da ideia com o passar dos anos, ao lembrar de sujar as mãos não traria seu filho de volta.

Sempre tive a impressão que a minha avó tinha uma tristeza cravada nela, algo inacabado, mas permanecia em seus olhos e seu rosto, e só compreendi depois de grande, os motivos pelos quais a áurea da minha avó era tão chumbada. A morte do filho a esmoreceu e a tornou uma outra Lia, uma que não se reconhecia sem o filho e sentia em seu corpo e alma, a falta daquela vida que ela gerou e foi ceifado da sua vivência, tornando-se uma dolorosa memória.

Tia Juvenir seguiu com os filhos e o apoio dos meus avós, ela recorda que sonha com ele vez ou outra e, aquele período foi os mais duro de sua vida, mas foi amenizado pela a ajuda recebida pelos amigos e vizinhos do bairro. A morte de tio Zé chegou ao conhecimento dos moradores, mobilizaram-se para dar mantimentos, roupas, lençóis, utensílios domésticos e itens de higiene para sua família desamparada. Naquele momento precisava de todas as assistências para o parto que viria e o cuidado com os outros filhos, sobre essa questão, ela fala da importância da família e dos amigos nesse referido período:

Ainda bem minha fia, que Deus mandou muita gente pra me ajudar, a mãe Lia mesmo arrumou força não sei da onde pra cuidar de mim e dos meninos, todo mundo na família né? Os vizinhos seu Urbano, dona Catu, Seu Manel Nogueira, a Raimundinha Leão me ajudaram tanto nessa época também, eu não fiquei desamparada não, mesmo doendo, sofrendo demais, muito dificultoso, Deus mandou esses anjo de candura na minha vida (Informação verbal, Dona Juvenir, 2023).

Ela reitera como a ajuda dessas pessoas foi importante para mante-la firme mediante a tragédia que atravessava, aquelas ações transformaram um momento de dor em luta para sobreviver para si e seus filhos. A analogia que tia Juvenir faz que ``seus vizinhos foram anjos na vida`` releva o afago depositado em seu processo de luto, o respeitando seu emocional, psicológico e espiritual e amparando nas coisas práticas do cotidiano da casa e dos filhos.

Recordar essa situação trágica faz também tia Juvenir refletir sobre como a ajuda dos familiares e vizinhos de bairro foi primordial para não fazer desistir de sua vida e enfrentar os obstáculos que ainda viriam. Só conseguimos caminhar quando estamos em pé e digo além, sempre necessário ter as pessoas empáticas no caminho que fazem te manter de pé

3.5 ``Tive oportunidade de viver porque cortei a sina! ``

Minha vida pessoal se entrelaçou profundamente nos meandros da escrita da dissertação, em muitos momentos me desanimei mediante os acontecimentos vividos até aqui, eu descrente de continuar a pesquisa. As indagações que orbitam em minha cabeça se concentravam no pensamento de se havia sentido e se não estava me sentindo ética o suficiente para com os meus interlocutores e também com meu luto.

Os meus pensamentos estavam guiados por uma dor muito extensa e potente, seguir com isso é uma insanidade para os meus dias que já estavam precários e difíceis. Para isso, preciso destacar que, há uma escrita antes da morte do tio Manoel e outra após, não me sentia nem um pouco capaz de avançar, e nem sentia vontade. O que eu sentia era um grande vazio, galgado pela ausência e inconformidade sobre a morte de meu tio.

Enquanto passavam-se os dias, ruminando um sentimento inominável, eu delineava algumas diretrizes para o retorno ao campo com mecanismos para subornar as minhas lembranças. Cada ponto do bairro, as ruas, a feira, o tempero, a rodovia e a minha casa me impregnavam de memórias, não somente do tio Manoel, mas de outros familiares que já haviam falecidos. A morte do tio Manoel me memorizou outras perdas naquela casa onde cresci: Meu avô Júlio, meu tio Ledo, minha avó Lia e minha tia Lúbia.

A minha memória sobre o bairro e sobre essas pessoas que rodeiam desde então é entonado por cada evento de morte que vivi até aqui. Quando meu avô faleceu em

maio de 2006, me lembro Dona Germana, Dona Bela e Dona Ivone ajudando no velório, fazendo alguma comida, cuidando da minha avó, ajudando minha mãe e minha tia nos trâmites do enterro.

Um mês depois, tio Ledo faleceu de uma hemorragia interna depois de anos lutando com a própria mente, novamente eles, os moradores estavam lá, alguns observando curiosos, outros ajudando como podiam. Em dezembro de 2013, a morte se abateu novamente sob minha família, minha avó partiu bem velhinha, aos 87 anos, eu senti ali um rompimento de arquitetura familiar que me pavimentou por muitos anos. Posso dizer que o senso comunitário dentro de casa.

Nada me abalou tanto quanto a morte da minha tia Lúbia em dezembro de 2017, após sete meses entre idas e vindas do hospital por conta do meningioma que lutava há mais de vinte anos. Naquele dia entre o Natal e o Ano Novo, eu senti um tremor no meu coração e fúria sob perder ela, uma pessoa vívida, solar e enchia todos os espaços com sua presença amorosa.

Por último, quando tio Manoel faleceu, eu senti que a minha família estava se tornando memória, meus vizinhos também vão se tornando memória e o bairro é a matéria que fica desse fundo de lembranças. As emoções que se impregnam a partir das perdas foi uma difícil tarefa da qual fracassei, não se luta contra os atravessamentos experimentados, só se aporta em observar a experiência.

Dona Ivonete, de longe foi a pessoa que mais estive próxima nessa pesquisa, nos encontrávamos toda semana, conversávamos sobre todas coisas, não necessariamente sobre o bairro Mercadinho. Nesse período, eu falava muito sobre essas perdas que tive ao longo da vida e ela também relatava da falta que o Seu Gentil fazia, da saudade, dos momentos que os dois viveram juntos durante mais de quatro décadas de casamento.

Viver com ele, segunda ela, foi uma das maiores alegrias de sua vida, como a mesma disse: ``a gente se gostava muito, minha fia, tinha muito cuidado um com outro``. Embora estivesse atenta ao que Dona Ivone me dizia, eu martelava a frase que dona Ivone me proferiu em nosso primeiro encontro, retorno para compreender o que ela quis me dizer sobre “cortar a sina”. Eu insisto e ela discorre sobre:

Margarida, tu lembra que eu te disse que eu tive oportunidade, pois então minha fia, eu tive oportunidade de vim pra aqui, pra Imperatriz, eu tive oportunidade de me casar com Gentil que foi um homem muito bom na minha vida e pro nossos filho. Consegui ter uma bodeguinha com ele, sustentar os menino, criar eles. Mas eu só tive tudo isso, porque na minha primeira oportunidade de

vida, eu cortei a sina, a sina de morrer. Eu era gêmea com outra, minha irmã nasceu morte e ela me deu a oportunidade de viver, tudo hoje aqui que eu sou e tenho, minha fia, foi por isso. (Informação verbal, Dona Ivone, 2023).

A partir daqui outras oportunidades se voltaram para Dona Ivone e sua família, mas também carregada de percalços que necessitaram de paciência e sabedoria para perpassar por eles. Atravessando estradas para chegar na cidade de Imperatriz, onde ela e suas irmãs e irmãos puderam estudar e se instruir perante a nova vida que aproximava, completamente diferente do campo e o modo de observar e tecer as relações, muito embora mantivessem laços profundos com meio de vida rural.

Se tudo em sua vida era regrada pelo pensamento de corte da sina, dona Ivone subverteu e adaptou às múltiplas mudanças que o espaço e o social do bairro se colocavam, através de seu pequeno bar que mantinha junto com o marido, seu Gentil. Dali, saíria o sustento por muitos anos, também é a casa onde mora, e o terreno que divide com as casas de filhos e netos. Cortar a sina, para ela, é também unificar a família em um só espaço confundindo casa-bodega-quintal para que a família não se apartasse como aconteceu, no período em que chegou, com o seu núcleo familiar.

É também subverter a ordem em suas perdas, enterrar netos e sentir a ausência de seu Gentil em sua partida, é lidar com o luto, o choro, o silêncio e a mudança, sentir que a vida é lembrança que se impregna em sua pele. Guardar os fios de memórias entre os dias que se correm enquanto o rosto se envelhece, como ela bem me disse: ``Talvez a oportunidade de viver quando chega na velhice não é muita questão``. Na verdade, é perceber a finitude enquanto a vida ainda acontece.

O caminho descrito até aqui sob as linhas dessa dissertação me revela a quão enraizada são as emoções no percurso dos moradores, sentimentos conflitantes que os colocam frente a frente com suas maiores adversidades dolorosas. O deslocamento, as táticas para sobreviver, as perdas, os lutos e seus silêncios são entrelaçados com a própria história desse bairro, o que Mercadinho é, ora cabuloso, ora instigante, ora frenético, ora sossegado se dá porque a vida desses moradores ressoa pela as paredes, frutas, carnes, temperos, estivadores desse espaço, por isso singular e inigualável.

Em tempos em que a memória é fragilizada, onde se mimetiza nosso tempo, oculta-se a narração, lembrar de olhar e penetrar no que se faz olhado é se envolver atentamente nas histórias que formam as relações dos espaços que vivemos que muitas estão adormecidas. É importante demonstrar que, escutar outro pavimento histórico a partir daqueles que aqui chegaram primeiro, traz óticas que mostram uma Imperatriz

pouco discutida nos campos acadêmicos, desvelando uma cidade em transformação sustentada por homens e mulheres do campo que também são agentes nessa cidade.

Pessoas que construíram parte de um bairro que carrega identidades, perecimentos, entrelaces e entrelugares na cidade e fizeram dela seu próprio lugar. Moradores como Dona Ivone, Seu Jacó e Dona Bela, Tia Juvenir, Dona Germana, Dona Graça e Seu Neguim e o meus avós Júlio e Lia se ajudaram entre si, refizeram suas vidas nesse novo espaço, perpassaram por alegrias e dificuldades mantendo a firmeza e a força dos núcleos rurais de onde vieram.

Cortar a sina é, evidentemente, guiar a vida, segui-la, amá-la e demonstrar as suas preocupações mediante a uma cidade onde seus habitantes, com o crescimento e a urbanização, se tornaram rastros deslocados de seu pertencimento. O bairro na cidade, sugere, a partir de seus moradores como as emoções tem papel profuso para sobreviver e se adaptar com as mudanças que a realidade da vida se impõe.

Por último, esse texto foi um retorno de mim para aquilo do qual eu estava deslocada, para compreender como homens e mulheres, dentro e fora da minha família, passaram a vida para criar oportunidades de sobrevivência para seus filhos e netos. Descrever essas emoções de uma forma do qual minha vida pessoal e minha vida acadêmica não coisas dicotômicas, elas deságuam na possibilidade de escrever sobre essas memórias e saber bem quem fez o verdadeiro Bairro Mercadinho se tornar aquilo que é: o espaço de pessoas rurais que concretizaram entre o rio e a rodovia, o corte da sina, a sina que se pode viver.

NOTAS PARA O FUTURO DA PESQUISA: ALGUMAS CONCLUSÕES

A construção da rodovia Belém-Brasília trouxe desenvolvimento, mas também desafios. O crescimento acelerado de Imperatriz e do próprio bairro refletiu-se na vida de cada morador, que precisou se adaptar a uma nova realidade urbana, muitas vezes distante das raízes rurais que carregavam. No entanto, foi justamente essa transição que forjou laços de solidariedade e pertencimento, criando uma rede de apoio que permitiu a muitos permanecer e prosperar, mesmo diante das adversidades.

A narrativa apresentada, retrata a trajetória de vida de diversos moradores do Bairro Mercadinho em Imperatriz, Maranhão, destacando suas origens rurais, os desafios enfrentados durante o processo de migração para a cidade e as estratégias de adaptação e sobrevivência em um novo contexto urbano. Através dos relatos de Dona Ivone, Seu Jacó, Dona Bela, Dona Graça, Seu Neguim, Dona Germana e Tia Juvenir, observo a complexidade das experiências humanas, marcadas por perdas, lutos, superações e a construção de redes de apoio que foram fundamentais para a permanência e o enraizamento dessas famílias no bairro.

Não é apenas documentar as trajetórias individuais e coletivas dos moradores do Bairro Mercadinho, mas também ressaltar a importância de se olhar para as histórias de vida como fontes fundamentais para a compreensão dos processos sociais e urbanos. Essas memórias no texto nos convidam a refletir sobre o papel das comunidades na construção das cidades e sobre a necessidade de preservar e valorizar as narrativas que dão sentido e identidade aos espaços urbanos.

Além disso, a narrativa evidencia como as memórias desses moradores estão profundamente entrelaçadas com a história do próprio bairro. As lembranças das origens rurais, dos deslocamentos, das perdas e das conquistas são parte constitutiva da identidade do Mercadinho. O bairro, portanto, não é apenas um local de moradia, mas um espaço onde se construíram vidas, histórias e relações que transcendem o tempo e o espaço. A presença dessas memórias no cotidiano do bairro reforça a importância de valorizar e preservar as narrativas dos moradores mais antigos, que são guardiões de uma história muitas vezes inviabilizada nos discursos oficiais sobre o desenvolvimento urbano de Imperatriz.

O intercâmbio de cuidados, como destaque nas histórias de Dona Germana, Seu Jacó e Dona Graça, foi um elemento central para a sobrevivência e a permanência dessas famílias no bairro. A solidariedade entre os vizinhos, muitas vezes baseada em valores trazidos do campo, permitiu que enfrentassem juntos as adversidades, desde

a perda de entes queridos até as dificuldades financeiras e de saúde. Essas redes de apoio não apenas sustentaram as famílias em momentos críticos, mas também fortaleceram o senso de pertencimento ao bairro, transformando-o em um espaço de acolhimento e resistência.

Futuras pesquisas podem e devem aprofundar a análise das relações entre a memória de um bairro e as de seus habitantes, comparando as narrativas de diferentes gerações de moradores e exercer o seu papel na construção de políticas públicas para a cidade, assim como da própria cidade em seu processo de expansão. Pesquisas futuras devem dispensar um olhar mais atento para organização espacial do bairro, considerando aspectos como a localização das casas, a distribuição das atividades econômicas e dos equipamentos urbanos.

É importante considerar os outros caminhos para as pesquisas futuras: as questões de gênero, dando atenção a forma como homens e mulheres vivenciam de maneiras distintas os processos migratórios e a vida nas cidades. A interlocução das crianças moradoras do bairro e suas observações do brincar e viver, também devem ser uma dimensão dessas futuras pesquisas no bairro Mercadinho. Aqui considero alguns caminhos, mas há muitas outras nuances a desbravar e colocar no pavimento científico os estudos de memória em bairros.

Nisso, é possível desvelar uma história que valerá de uma pesquisa científica muitas vezes adormecida na casa ao lado do seu bairro. Apesar das limitações da mesma, como o número de entrevistados e o período coberto, acredito que os resultados obtidos demonstram a importância de continuar investigando a memória dos bairros como forma de compreender a complexidade da vida urbana, muitas vezes, envolta da vida rural.

Também pode extrair dessa rica narrativa é que o Bairro Mercadinho, mais do que um espaço geográfico, é um lugar de memórias, afetos e resistência. A migração campo-cidade, comum na história de muitas famílias brasileiras, é aqui retratada, mostrando como os deslocamentos foram motivados pela busca de melhores condições de vida, mas também como esses movimentos trouxeram consigo desafios emocionais, culturais e materiais. A adaptação ao ambiente urbano exigiu desses indivíduos não apenas a superação de dificuldades econômicas, mas também a reconstrução de suas identidades e a manutenção de laços comunitários que remetiam às suas origens rurais.

Ao refletir sobre a história do Bairro Mercadinho e as narrativas dos moradores que aqui viveram e ainda vivem, compreendo o quanto essa pesquisa me conectou

não apenas com a memória coletiva do lugar, mas também com a minha própria história. Cresci neste bairro, rodeada por pessoas que carregam consigo histórias de deslocamento, adaptação e resiliência. As memórias de Dona Graça, Seu Jacó, Dona Germana, Dona Ivone e tantos outros me mostraram que o Mercadinho não é apenas um espaço geográfico, mas um lugar de afetos, lutas e sobrevivência.

As histórias de perdas, como a de Dona Germana com a morte do marido e do filho, ou a de Dona Graça com a perda da filha Wilma, me fizeram entender que o Mercadinho é também um lugar de dor e superação. A forma como esses moradores enfrentaram as tragédias, apoiados uns pelos outros, revela a força de uma vizinhança que se mantém unida mesmo nos momentos mais difíceis. O intercâmbio de cuidados, como bem destaque, foi essencial para a sobrevivência de muitos, mostrando que, mesmo na cidade, os valores do campo permaneceram vivos.

Ao mesmo tempo, as memórias de alegrias, como a amizade entre Dona Graça e Dona Melissa, ou a gentileza de Seu Jacó ao ajudar minha família, me lembraram que o bairro é também um espaço de afeto e conexão. Essas histórias me fizeram entender que o Mercadinho é mais do que um conjunto de ruas e casas; é um lugar onde as pessoas construíram suas vidas, criaram seus filhos e formaram laços que resistem ao tempo.

Com findar desta pesquisa, sinto que o Mercadinho não é apenas o lugar onde cresci, mas parte de quem sou. As memórias dos moradores mais antigos me ensinaram que a vida é um constante deslocamento, mas também uma busca por pertencimento. E, nesse sentido, o Mercadinho é, e sempre será, um lugar de memórias, afetos e resistência.

Por fim, a expressão "cortar a sina", utilizada por Dona Ivone, sintetiza a essência dessas trajetórias. Cortar a sina significa romper com destinos aparentemente inevitáveis, criar oportunidades onde parecia não haver saída e, acima de tudo, resistir. Essa resistência se manifesta na capacidade de adaptação, na construção de novas redes de apoio e na manutenção de valores comunitários mesmo diante das transformações impostas pela urbanização. O Bairro Mercadinho, portanto, é um testemunho vivo dessa resistência, um lugar onde as histórias de vida de seus moradores se entrelaçam com a história da própria cidade de Imperatriz, revelando uma face humana e afetiva do processo de urbanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGO, **Assis Chateaubriand**: Por detrás da história. Data da publicação: 11 de novembro de 2020, Data de Acesso: 21 de junho de 2024. URL: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/113537/assis-chateaubriand>.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador in Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política**. Editora Brasiliense, São Paulo, 2012.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velho. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRASIL. **Programa de metas do presidente Juscelino Kubitschek**: Estado do plano de desenvolvimento econômico em 30 de junho de 1958. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1958.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS, **Biografia do Deputado Federal Bayma Júnior**, Data de publicação: 14 de março de 2021. Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.camara.leg.br/deputados/131855/biografia>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Sandy Lima. OLIVEIRA, Wenderson Silva. FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Resenha: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.3, p. 221-225, Setembro/Dezembro 2021.

DA CONCEIÇÃO, Margarida. **Perfil dos trabalhadores do Mercado de Carne Vicente Fitz da Cidade de Imperatriz-MA**. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Geografia. Imperatriz-MA: UEMA-CESI, 2016.

ESCAVADOR, **Jomar Fernandes de Pereira Filho**, Data da publicação: 14 de maio de 2002, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://escavador.com/sobre/6034343/jomar-fernandes-pereira-filho>.

FERNANDES, Rodrigo Spectrow. **O processo de modernização de Anápolis e as atividades do Grupo Pina (1930-1960)**. Dissertação de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual do Goiás, 2019.

Foi extinta em 1990, e dela surge a **Fundação Nacional da Saúde (FUNASA)**. Data da publicação: março de 2021, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/superintendencia-de-campanhas-de-saude-publica-sucam>.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve História de Imperatriz**. 1ªed. Imperatriz: Editora Ética, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1ªed. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALLBWACHS, Maurice. **Quadros Sociais da Memória**, 1ªed. Curitiba: Editora AntonioFontoura, 2023.

IMESC. **Números de roubos e furtos nos bairros da Cidade de Imperatriz-MA.** Ano de publicação: 2021, Data de Acesso: 06 de julho de 2024. URL: <https://dataimesc.imesc.ma.gov.br/series/786/show>.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Graciane. Do sonho à memória: A Geografia Humanista de Lígia de Oliveira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 115-132, jul./dez. 2012.

Município maranhense **há 394 quilômetros da cidade e Imperatriz, fica na região do Alto Mearim, desmembrado de Presidente Dutra.** Instalado em 27 de dezembro de 1955. Em divisão territorial datada de 1 de julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Tuntum e São Joaquim dos Melos, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Data da publicação: agosto de 2019, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.tuntum.ma.gov.br/municipio/dados>.

Município maranhense distante 517 quilômetros da cidade de Imperatriz. Este território sofreu sucessivas modificações que deram lugar à criação dos municípios e Pedreiras e Bacabal. **Pelo decreto-lei nº 820, de 30 de dezembro de 1943, que fixou a nova divisão administrativa e judiciária, teve o seu nome mudado para Ipixuma. Em 1973, voltou-se chamar São Luís Gonzaga.** Data da publicação: janeiro de 2023, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis-gonzaga-do-maranhao/historico>.

Município maranhense distante 485 quilômetros da cidade de Imperatriz, Bacabal – deveu-se à grande quantidade de bacaba (palmeira nativa da região) existente na localidade quando de sua fundação. **A inicialização do território de Bacabal data de 1876, quando o Coronel Lourenço Vieira da Silva chegou à região,** em busca de terras próprias para a agricultura e fundou a fazenda com sede no local onde atualmente é a Praça Nossa Senhora da Conceição. Data da publicação: janeiro de 2024, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://www.bacabal.ma.gov.br/dados-do-municipio>.

O IMIRANTE, **Morre o ex-prefeito de Imperatriz Salvador Rodrigues.** Data da publicação: 11 de janeiro de 2019, Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://imirante.com/noticias/imperatriz/2019/01/11/morre-ex-prefeito-de-imperatriz-salvador-rodrigues-aos-66-anos>.

O povoado Mucuíba fazia parte do município de João Lisboa-MA, mas em 10 de novembro de 1994 foi emancipado o município pela Lei Nº 6.169, então passou a se chamar Senador La Rocque. Data da publicação: janeiro de 2024, Data do acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://senadorlarocque.ma.gov.br/aspectos#:~:text=O%20povoado%20Muc%C3%A9bua%20fazia%20parte,se%20chamar%20Senador%20La%20Rocque>.

POLLAK, Peter. **Memória e esquecimento.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1989.

RODRIGUES, José Ildetrone. **Mercadinho:** Entrepasto comercial da Região Tocantina. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em História. Imperatriz-MA: UEMA-CESI, 2008.

RUSHDIE, Salman, **Os Versos Satânicos**. 1ªed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

SANCHES, Edmilison. **Enciclopédia de Imperatriz**. 1ª ed. Imperatriz: Editora Ética, 2002.

SECRETARIA ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E PROGRAMAS ESTRATÉGICOS, **Perfil do Secretário José Reinaldo Tavares**, Data de publicação: 19 de março de 2023, Data de acesso: 24 de junho de 2024. URL: <https://sedepe.ma.gov.br/noticias/secretaria-de-programas-estrategicos-garante-inclusao-digital-ao-maranhao-em-audiencia-no-ministerio-das-comunicacoes>.

WALLYSON, André. **O que é que o Mercadinho tem?** 1ªed. São Luís: EDUFMA, 2022.

ANEXOS



Fotografia aérea da cidade de Imperatriz-MA no início dos anos 1950, à margem esquerda, o Rio Tocantins e centro urbano na referida época.
 Fonte: Museu Virtual de Imperatriz



Construção da Avenida Beira Rio, em 1954, umas das principais ruas de Imperatriz-MA no centro urbano da cidade, antes da construção da rodovia. Todas as relações comerciais com o Norte Goiano e Sudeste do Pará saíram deste ponto.
 Fonte: Jornal O Progresso



O presidente Juscelino Kubitschek ao lado do Mercado Municipal Bom Jesus, na então Rua 15 de Novembro, atual Avenida Frei Manoel Procópio, ao lado de uma frondosa mangueira, conversa com alguns retirantes, que chegavam diariamente a Imperatriz, em consequência da abertura da rodovia Belém-Brasília.

Foto: Arquivo Nacional.



Em 1961, ainda no aeroporto da cidade de Imperatriz-MA, Juscelino Kubitschek cumprimenta populares.

Foto: Arquivo Nacional

APÊNDICES



Detalhe da esquina da Rua Rio Grande do Norte com a Rua Monte Castelo, no Bairro Mercadinho. Nas proximidades da casa de Dona Ivone.
Fonte: Da Conceição, 2022.



Detalhes de um pequeno comércio na Rua Rio Grande do Norte, ao fundo a fotografia de Dona Raimunda Cardoso, moradora do Bairro Mercadinho.
Fonte: Da Conceição, 2023.



Carregador de feira subindo a Rua Rio Grande do Norte rumo a Feira Livre do Mercadinho.
Fonte: Da Conceição, 2021.



Domingo no Bairro Mercadinho entre as barracas da Feira Livre e as bancas do Mercado de Temperos em período da Pandemia de SARS-COV2.
Fonte: Da Conceição, 2020.



Carros de Estiva na Rua Benedito Leite esquina com a Rua Rio Grande do Norte no Bairro Mercadinho.
Fonte: Da Conceição, 2021.



Rua Benedito Leite a noite, onde se concentra o comércio atacadista do Bairro Mercadinho. No período da pandemia de SARS-COV2.
Fonte: Da Conceição, 2020.



Seu André Santos em sua casa no Bairro Mercadinho no período da pandemia de SARS-COV2.
Fonte: Da Conceição, 2020.



Fotografia da Rua Rio Grande do Norte no Bairro Mercadinho, ao fundo se observa a antiga torre da Telemar e carros estacionados de transeuntes e trabalhadores no Bairro Mercadinho.
Fonte: Da Conceição, 2024.



Detalhe da Praça Vicente Fitz, com a placa de identificação em primeiro plano e em segundo plano, a Rodovia Belém-Brasília.
Fonte: Da Conceição, 2024



Detalhes do quintal da Tia Juvenir, ao lado direito da foto, ela conversando com sua filha Elizeth, ao fundo, sua nora Maristela lavando as louças.
Foto: Da Conceição, 2022.



Detalhes de uma loja de artigos religiosos no Mercado de Carne Vicente Fitz, ao fundo há uma imagem em cerâmica do orixá Obaluaê e unguentos utilizados para banhos e rezas.
Foto: Da Conceição, 2023.



Desmontando as barracas e tendas na Feira Livre no dia de domingo.
Fonte: Da Conceição, 2021.



Região do Troca-Troca nas proximidades do Mercado de Carne Vicente Fitz.
Fonte: Da Conceição, 2023.



Peixaria do Seu Dourado no Mercado de Carnes Vicente Fitz no Bairro Mercadinho.
Fonte: Da Conceição, 2024.



Mãe Lia e Pai Júlio, citados pela interlocutora Tia Juvenir em seu 60º aniversário de casamento, em 2001.

Fonte: Acervo da Família Conceição, 2023.



Manoel Flor da Conceição (in memoriam)

Fonte: Da Conceição, 2023.



Maria Valda Flor da Conceição (interlocutora)
Fonte: Da Conceição, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.

Felisbela Oliveira Reis
Felisbela Oliveira Reis

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.

Maria Germana Conceição Mesquita

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.


José Gomes Dourado

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.


José Gomes Dourado

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2020.

Maria das Graças Pereira Pedrosa

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

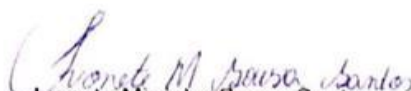
Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.


Ivonete Marinho Sousa Santos

DECLARAÇÃO
de
CIÊNCIA
e
CONSENTIMENTO

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.


Maria Valda Flor da Conceição

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.


Maria Valda Flor da Conceição

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.

Juvenir Rodrigues Silva

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.



Jacob Reis

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar do estudo que tem como pesquisador responsável o(a) aluno(a) da Pós-Graduação em Sociologia nível mestrado, Margarida da Conceição, sob a orientação do (a) professor (a) Prof.a Dra Vanda Maria Leite Pantoja da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que pode ser contatado pelo e-mail: margarida.conceicao@discente.ufma.br e vanda.pantoja@ufma.br.

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas visando, por parte do(a) referido(a) aluno(a) a realização da conclusão da pesquisa para a dissertação de mestrado, cujo título é: "TIVE A OPORTUNIDADE DE VIVER PORQUE CORTEI A SINA": TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES DO BAIRRO MERCADINHO NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA.

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada, transcrita e fotografada. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados no seu trabalho.

O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Imperatriz-MA, 18 de janeiro de 2023.

José Manoel Pedrosa

Cidade Universitária Dom Delgado – Centro de Ciências Sociais – DEDIR
Avenida dos Portugueses, 1.966 - São Luís - MA - CEP: 65080-805
Fone: (98) 3272- 8433

